



na
MIRA
DE UM
cupido

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 1

MARTA VIANNA



& na
MIRA
DE UM
cupido

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 1

M A R T A V I A N N A

Copyright© 2020 MARTA VIANNA

Revisão: Danny Santos

Diagramação: Jessica Santos

Capa: Thais Oliveira

Dados internacionais de catalogação (CIP)

NA MIRA DE UM CUPIDO – PAIS ALENCASTRO – LIVRO 1

1ª Edição

1. Literatura Brasileira. 2. Romance. Título I.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Está é uma obra de ficção, nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados pela autora.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

SUMÁRIO

[SINOPSE](#)

[PREFÁCIO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

EPÍLOGO



Se o cupido tivesse um nome, com certeza seria Danilo.

O filho da diretora, do Colégio Cristo Redentor, parecia um anjo, mas a candura se limitava apenas a sua aparência, porque o garoto era levado, em todos os sentidos.

Nós nos conhecemos na minha lanchonete, por acaso, e, depois desse dia, minha vida mudou completamente. Meu mais novo amiguinho havia cismado de arrumar um namorado para a mãe e estava disposto a fazer qualquer coisa para vê-la feliz novamente.

Heloísa era uma mulher jovem, linda e tinha um sorriso encantador, mas depois da separação que quase destruiu seu coração, ela decidiu arquivar os sentimentos e dedicar todo o seu tempo ao pequeno terrorista e ao trabalho.

Como eu sei de tudo isso?

Bom, meu nome é Guilherme Alencastro e, eu fui o alvo do tal Cupido com carinha de anjo.



Talvez eu seja suspeita para falar, porque sou apaixonada pelas histórias da Marta. São simples, porém tem essência. São histórias que nos traz o sentimento de esperança, aquecem o coração, o tipo que nos faz voltar a acreditar que nunca é tarde demais para amar e ser amado, que nos faz acreditar que esse sentimento (o amor) não é irreal... não está extinto.

Na Mira de Um Cupido foi um trabalho da autora que eu amei conhecer, a leitura flui fácil, mas não deixa de ser tocante. É sempre bom lembrar que existe todo tipo de amor, que às vezes um "estranho" vai nos amar mais do que um parente de sangue; e está tudo bem... O importante é ser amado e, claro, saber que não precisamos de certas pessoas ao nosso redor, só porque assim quer a sociedade.

O livro nos reforçar a ideia de que pai é quem cuida, participar, é quem está presente. E, claro, no meio de todo esse ensinamento, ainda somos agraciados com a história fofa do casal principal.

No entanto, apesar de ser uma história de romance, é certo que foi o pestinha, vulgo Danilo, que roubou toda a cena. Ele é o cupido mais arteiro, fofo e leal que existe no mundo dos livros.

Parabéns a autora por ter criado uma história tão gostosa de se ler.

— Autora Danny Santos.



Antes dos agradecimentos, eu quero falar um pouquinho da Série Pais Alencastro. Somos quatro autoras, Jessica Santos, A.C Nunes, Thais Oliveira e eu, Marta Vianna. Eu sou a responsável pelo livro 1.

Na Mira de um Cupido conta a história de Heloísa Cruz, seu filho Danilo e Guilherme Alencastro. Danilo é uma criança de sete anos que tem pai, mas ele é ausente em sua vida. Cansado de ver a sua mãe sempre triste, ele decide bancar o cupido para ela, e é aí que o Guilherme entra na história, pois o pequeno terrorista se identifica muito com o dono da lanchonete Delícia's do chefe, uma lanchonete de hambúrgueres artesanais. E Guilherme se encanta pelo garoto, pois quando era pequeno, seu pai também foi embora. Na Mira de um Cupido

é uma novela divertida e que nos traz muitos ensinamentos, um deles é que pai não é quem faz, e sim quem cuida e participa.

Espero que vocês gostem muito da história!

Quero agradecer o convite das meninas para participar desse projeto maravilhoso, a parceria deu muito certo; a Danny Santos pela revisão, e a você, leitor, que sempre ler o que eu escrevo.

Muito obrigada!!



DANILO

— Deixai vir a mim os pequeninos, pois deles é o reino dos céus...

— o padre Estevão falava o versículo e não tirava os olhos de mim.

Como sempre, eu fazia minha melhor cara angelical.

Juntei as minhas mãozinhas e comecei a pedir perdão a Deus por ter desobedecido à babá, na semana passada, e por ter saído sem que ela tivesse me visto. A pobrezinha ficara atrás de mim, chorando, achando que alguém tinha me sequestrado. Depois de uma hora, eu havia voltado todo sujo de lama. Mas tenho uma explicação: eu tinha ido procurar o meu estilingue que mamãe jogara no terreno abandonado do outro lado da rua, pois o senhor Ruy tinha reclamado que eu tinha

acertado a sua janela e tinha trincado o vidro. Eu jurei que não fui eu, no entanto, confessei logo em seguida. Mas juro eu não queria acertar a janela dele. A dona Violeta, sua esposa, era tão amorosa; sempre me dava doces quando chegava do mercado. Minhas bochechas ficavam doloridas de tanto que ela apertava. Não sei por que os idosos gostam de apertar bochechas.

Era domingo e estávamos na missa, mamãe sempre dizia que devíamos buscar ao Senhor sempre pela manhã. Eu gostaria muito que fosse à tarde, mas como o Senhor devia ser velhinho e os velhinhos acordam cedo por isso, era uma boa hora para buscá-lo de manhã. Só não sei para onde ele ia, pois nunca foi para casa conosco, talvez não fosse nossa vez ainda de levá-lo.

A oração acabou e voltamos a nos sentar, de longe avistei o senhor Ruy e dona Violeta. Todo domingo ele sempre usava aquele terno azul que cheirava a naftalina — eu sabia disso porque o ouvi reclamar com a esposa:

— Esse cheiro de naftalina me faz espirrar, meu bem — disse esfregando o nariz.

Assim que ele olhou para trás, fez cara feia por me ver. Eu sorri de verdade para ele. Dona Violeta olhou feio para o esposo, que rapidamente colocou um sorriso no rosto.

O padre disse: “Amém”, e todos nós saímos da igreja.

— Bom dia Helóisa — a velhinha disse para a minha mamãe, toda amorosa e sorridente.

— Bom dia dona Violeta — mamãe respondeu e olhou para o senhor. — Ruy, tudo bem?

O senhor Ruy não disse nada, portanto, foi repreendido pela sua esposa.

— Está tudo bem sim minha filha, não é Ruy?

O senhorzinho concordou não muito feliz.

O padre Estevão se aproximou de nós.

— Filha, vai começar as novas turmas para o catecismo. Não quer colocar o Danilo?

Minha mãe olhou para mim, sorrindo. Ela era linda, mas era um pouco triste desde que ficamos só nós dois — papai resolveu ir embora, eu ouvi vovó dizendo que ele tinha uma nova família. Às vezes eu a ouvia chorando de madrugada. Vovó dizia que ela precisava de um namorado para voltar a sorrir, e minha mente já estava a todo vapor imaginando como iria fazer para ajudar a minha mãe a voltar a sorrir. Se era pra ela voltar a sorrir, eu iria ajudá-la a encontrar alguém.

Eu tinha 7 anos e era bem esperto.

— Sim padre, vai ser ótimo para o Danilo, não é filho?

Eu concordei, balançando a cabeça. Mas a minha mente não estava nem aí para a conversa deles.

— Depois, quem sabe, ele se torne um coroinha e me ajude. Não é, Danilo? — Ele apertou as minhas bochechas e, em seguida, bagunçou o meu cabelo.

Nos despedimos de quase todos da igreja e fomos para a casa. Morávamos na cidade de São José, uma cidadezinha interiorana com poucos habitantes; mudamo-nos para lá porque mamãe tinha conseguido um trabalho — ela era a diretora da escola Cristo Redentor. Paramos para atravessar a rua, quando um carro de som passou por nós anunciando uma inauguração de uma lanchonete chamada *Delícias do Chefe*; um rapaz entregou um papel com o endereço para a minha mãe, e eu peguei de sua mão — eu já sabia ler. Tinha os seguintes dizeres:

Dia 22 é à inauguração da lanchonete Delícia's do Chefe.

Quer fazer alguém sorrir novamente? Traga um convidado e o deixe sorrindo à toa provando dos deliciosos hambúrgueres do chefe.

Olhei para a minha mãe, que estava atenta ao trânsito, e tive uma ideia. Se o tal hambúrguer fazia sorrir, faria de tudo para ela ir prová-los. *Quem sabe ela não volta a ser alegre como era antes?*



Demorei a dormir e ainda acordei agitada, então decidi me levantar. Olhei as horas no relógio e já passava das cinco da manhã. Era sexta-feira, eu tinha reunião na escola com os professores para decidir os preparativos da festa junina.

Lembrei-me que o dia dos pais estava próximo e eu não queria que o meu filho sofresse com isso, já fora uma luta ter que explicar que o pai não iria morar conosco em São José, pois estávamos nos separando. Eu disse que ele sempre iria ligar e, quem sabe, eles passariam as férias juntos. No entanto, como não aconteceu, e Danilo não era bobo, ele parou de perguntar pelo pai.

Às vezes meu filho me surpreendia por ser uma criança de 7 anos tão madura para a sua idade. Ele era esperto e, às vezes, um verdadeiro terrorista — Seu Ruy e dona Violeta que o diga. Entretanto meu filho também tinha um coração enorme, adorava ajudar as pessoas, era um menino educado e era o meu orgulho.

Peguei alguns ovos — Danilo adorava ovos mexidos —, fiz suco de laranja e café. Mal terminei de arrumar a mesa e ouvi passos atrás de mim. Virei para ver quem era e minha mãe de camisola apareceu na cozinha. Quando me viu cozinhando, ficou espantada. Coloquei duas xícaras em cima da mesa e servi o café que havia acabado de passar. Ela se sentou e começou a tomar o café, em seguida começou a falar:

— Não conseguiu dormir novamente filha?

Ela sabia das minhas insônias. Minha mãe era a minha amiga e eu compartilhava tudo com ela.

Suspirei, sentando-me ao seu lado.

— Fiquei pensando em como as coisas aconteceram tão rápido... Um dia você é casada, tem uma família linda e, no outro, é separada com um filho de 7 anos para cuidar e responder porque o pai não liga mais para ele. As coisas não estão sendo fáceis, não, mamãe, mas eu não posso deixar transparecer para o meu filho que eu não estou bem. Ele merece uma mãe forte ao seu lado.

— Jonas nunca me enganou, Heloísa, só que você estava toda encantada por ele e grávida do Danilo. Mas agora, filha, você tem que ser forte, levar a sua vida pra frente, ser feliz. Está mais do que na hora de você arrumar alguém... Não digo um relacionamento sério, e sim um homem que te faça sorrir, que te leve ao céu... Você sabe o que eu quero dizer — disse, deixando as bochechas coradas.

— Quem vai levar a mamãe ao céu? E para quê? Não basta todos os domingos a gente ter que ir à igreja para buscar ao Senhor pela manhã? E ele nunca vem conosco... Agora um homem tem que levar a mamãe ao céu?

Mamãe me olhou e nós duas começamos a gargalhar. Danilo ficou sem entender, ele com certeza ouviu a nossa conversa.

— Acordou cedo amor, ainda nem são 7 da manhã.

— Benção mãe, benção vó. — Beijou as nossas mãos e sentou ao nosso lado.

— Deus te abençoe meu filho — respondemos juntas.

— Filho, nós vamos a igreja buscar ao Senhor, mas é na forma de adorar, agradecer por termos um dia abençoado, e pela nossa saúde, não para trazê-lo para casa — expliquei, e ele deu de ombros, terminando de comer os ovos.

Depois do café, fomos nos arrumar para ir para a escola, não era longe e sempre íamos caminhando — a não ser quando chovia, aí íamos de carro. Mamãe se despediu e entrou no posto de saúde, ela era agente de saúde. A escola já estava aberta— Seu Rodolfo não atrasava nunca —, as crianças estavam em filas esperando a hora de cantar o hino nacional.

— Bom dia seu Rodolfo. Bom dia crianças.

Danilo foi para a fila e eu subi para a minha sala, passei pelas salas dos professores e todos estavam animados, conversando.

O sinal bateu e cada um foi para as suas salas. Como tínhamos reunião, os alunos saíam mais cedo. Pedi a minha mãe que quando ela saísse para almoçar, passasse na escola para pegar o Danilo. A última vez que eu o deixei ir só, ele inventou de ir caçar passarinho no meio da mata; fomos encontrá-lo quase duas horas depois. Por isso ele estava proibido de pegar o estilingue.

Entrei na sala de reunião e todos já se encontravam me esperando. Fui direto ao ponto:

— Eu pensei de a gente arrecadar verba para a festa junina, uma rifa em que as crianças possam sair vendendo pela comunidade. Mas, claro, com a supervisão de um adulto. Eu também pensei em cada

família trazer um prato com as comidas típicas para vender nas barracas. O que acham? Alguém tem mais ideias?

— Para a arrumação do pátio, poderíamos convidar os pais para ajudar. Perto da escola tem várias palmeiras; poderíamos pegar palhas para enfeitar, ir à mata pegar lenha para a fogueira, e as mulheres seriam responsáveis pelos enfeites, assim economizaríamos dinheiro com a mão de obra – o professor de Educação Física disse, e todos concordaram.

Depois de tudo acertado, dei a reunião por encerrado. Desejei um ótimo final de semana para todos os professores e saímos da sala. Antes passei na minha sala para pegar a minha bolsa.

Saí da escola, o tempo estava quente, abri meu guarda-sol e fui caminhando para casa. Passei pelo posto de saúde e minha mãe estava trabalhando, disse que deixou o Danilo em casa e pediu que, de vez em quando, dona Violeta o olhasse, então me apressei para voltar para casa.

Danilo sozinho era quase um perigo.

Olhei para a nova lanchonete e os trabalhadores estavam limpando as mesas e lavando o chão. De longe, avistei um homem vestido com avental, ele percebeu que eu o olhava e acenou para mim, acenei de volta meio que sem entender o que estava acontecendo. Ajeitei meus

óculos e segui o meu caminho, minha curiosidade me fez olhar para trás e o peguei no flagra me olhando. Apressei os meus passos e, mesmo assim, sentia que ele estava me observando ainda.

Quem será esse homem? Por que está me olhando de maneira diferente? Tantas perguntas Heloísa, mas nenhuma resposta.

Abri a porta de casa e dona Violeta estava cochilando no sofá, Danilo assistia desenhos na televisão. Quando ela ouviu o barulho, acordou, procurando quem emitira o som.

— É você, Heloísa! Pensei que era o Danilo que já ia fugir. — Sorriu do seu comentário, em seguida tossiu.

— Obrigada, dona Violeta, por ter vindo olhar o meu filho. A senhora é uma ótima vizinha.

Ela sorriu.

— Não precisa agradecer. Eu gosto e me sinto útil. Em casa não tem nada para fazer, a não ser ouvir as reclamações do Ruy. — Tossiu mais uma vez; fui até a cozinha e peguei um xarope caseiro que a mamãe fez e dei para ela.

— É só tomar uma colher 3 vezes ao dia e vai se sentir melhor.

Ela saiu agradecendo. Entrei de volta em casa. Danilo ainda estava de olho na televisão.

— Fez a sua lição de casa? — Ele negou. — Pois então vá fazer senão vai ficar sem brincar na rua.

Enquanto Danilo foi fazer seu dever, eu fui tomar um banho. De repente, aquele homem veio ao meu pensamento, e eu fiquei o dia todo pensando nele.



GUILHERME

Quando eu decidi me mudar para a cidade de São José, eu não imaginei que seria tão difícil me adaptar àquela cidadezinha pacata; eu era acostumado com a cidade grande — apesar disso, eu não ia a muitas festas, era do tipo caseiro. Também nunca me casei, achava que a mulher certa ainda não aparecera. Ou eu ainda não a procurei.

O que eu notei era que o povo ali era acolhedor e curioso ao mesmo tempo, eles eram gente boa.

A minha lanchonete ficava entre a praça e a igreja — um ótimo ponto por sinal. Na decoração, eu escolhi algo simples: mesas e cadeiras de madeira, feitas na marcenaria da cidade; os uniformes foram feitos pela dona Madalena, a costureira da cidade. Meu carro chefe era o

hambúrguer artesanal, mas tínhamos todos os tipos de salgados, sucos naturais e, para quem não gostava, tínhamos refrigerantes.

Eu sempre amei a culinária, mas foquei nos doces e salgados; fazia as massas e as deixava descansando de um dia para o outro, noutro dia, fazia os pães do hambúrguer, já deixando os salgados prontos para fritar. Montei a minha equipe com as pessoas que moravam por ali mesmo na comunidade, treinei alguns deles, pois gostava de dar oportunidades para quem é esforçado. Atualmente, tinha cinco funcionários.

O dia da inauguração foi um sucesso, a metade da comunidade estava presente e adoraram a novidade do hambúrguer artesanal.

Não me esqueci de agradecer ao meu primo Alex, por ele ter me encorajado a mudar de cidade e abrir o meu próprio negócio — eu e ele sempre fomos amigos e, quando ele foi abandonado pela mulher, eu tentei de todas as formas fazê-lo seguir a vida, pois ele tinha uma filha recém-nascida. Graças a Deus, ele superou e, atualmente, a filha dele tinha seis anos — era uma garotinha bem esperta. Alicia era seu nome.

Filho é uma responsabilidade e tanto, portanto, achava que ainda não estava preparado para ser pai. Admirava o meu primo, que cuidou sozinho da sua princesa. Era um exemplo de pai.

Estacionei o meu carro em frente a minha casa. Depois de mais uma noite de trabalho, eu estava exausto... mas feliz.

Antes de me mudar para lá, decidi que alugaria uma casa não muito grande, pois era apenas eu e Fred, o meu cachorro e companheiro há dois anos.

Assim que entrei em casa, ele notou a minha presença e começou a pular, latindo. Notei que a almofada do sofá já era — estava destruída. Olhei para ele enquanto juntava o resto do que sobrou.

— Muito bonito, *né* seu Fred? Já não deixei bem claro que a almofada não é comida? Depois fica com dor de barriga... Olha a sua ração toda espalhada pelo chão.

Fred deitou no chão, esperando que eu fizesse carinho nele; tentei ignorá-lo, mas sem sucesso. Comecei a fazer carinho em sua barriga. Em seguida, limpei a bagunça, troquei a água do recipiente e enchi seu pratinho com ração. Depois de tudo arrumado, tomei um banho e fui para a cama.

Não deixei de pensar na mulher loira, de roupas largas e óculos de graus, que eu acenei mais cedo enquanto estava na lanchonete ajudando na arrumação.

Eu era muito bom em reparar às expressões faciais dos outros, e a dela transmitia que ela era uma mulher triste que mascarava sua dor.

Quem é ela? Adormeci pensando nela.

Eu gostava de correr pela manhã antes de abrir a lanchonete, pois muitas pessoas gostavam de ir tomar café. Fred me encarava com o rabo balançando todo eufórico, querendo que eu pegasse logo a sua coleira. Alonguei-me, ainda na porta de casa, e comecei a correr devagar, ganhando ritmo. Fred se distraía com os outros animais da rua.

Acelerei a corrida. Algumas senhoras caminhavam na praça e paravam para me dar bom dia. Depois de dar mais de dez voltas pela praça, parei a corrida tentando recuperar o fôlego — Fred corria atrás dos gatos.

De longe, avistei novamente a mulher loira de óculos grande no rosto. Ela segurava umas pastas nas mãos e a bolsa nos ombros. À sua frente, um menino corria espantando alguns pombos, que estavam catando algum tipo de inseto no chão. Parei e fiquei admirando aquela cena. De repente, me peguei sorrindo com o moleque arteiro.

Passei por eles dois e dei bom dia, parando perto deles. As bochechas da mulher logo ganharam um tom avermelhado, ela sorriu timidamente e aquilo mexeu comigo. O moleque parou e começou a falar, notei que ele fazia aquilo sem nenhuma dificuldade.

— Ele é o dono da lanchonete mamãe, sei disso porque a chata da Alicia vive dizendo que ele é tio dela. É verdade? — perguntou, tirando um punhado de cabelo loiro que caía em sua testa.

— Sou primo do pai dela, o Alex; acho que vocês conhecem, ele trabalha fazendo frete na cidade. Mas me considero o tio da Alicia sim.

— Ele fez uma expressão de quem não estava nem aí para o que eu tinha acabado de dizer. Então me virei para a sua mãe.

— Sou Guilherme Alencastro. — Sorri, estendendo a mão para ela, que desocupou a dela para apertar a minha. Antes ajeitou seus óculos, e notei que ela tinha os olhos lindos. Seu sorriso também era perfeito.

— Heloísa Cruz, diretora do colégio Cristo Redentor. E esse garotinho é meu filho, Danilo.

Demorei um pouco segurando a mão dela. Ela limpou a garganta, e então soltei. O moleque observava tudo com uma expressão pensativa no rosto, um sorriso escapou de seus lábios.

— Olá Danilo. — Ele me olhou demoradamente, em seguida sorriu. — Os dois estão convidados para ir à minha lanchonete qualquer dia, e é por minha conta.

— Eu só quero ver a cara da Alicia quando eu contar para ela que vamos à lanchonete comer de graça. Nós vamos, né mamãe? — Olhou para a sua mãe, aguardando uma resposta.

O olhar dela foi de repreensão. Aquele garotinho devia aprontar muito.

— Depende, Danilo. Se você fizer por merecer, nós iremos sim. Agora agradeça ao seu Guilherme, estamos em cima da hora. — Ela me olhou rapidamente, enquanto o seu filho agradecia.

Os dois seguiram adiante. Fiquei parado tentando absorver que nervosismo era aquele que eu estava sentindo, minhas mãos estavam suando.

Fred me encontrou e nós voltamos para casa. Eu precisava de um banho frio com urgência.



HELOISA

Desde que Guilherme, o dono da lanchonete Delicia's do Chefe, nos convidou para, qualquer dia, aparecer em seu estabelecimento, que o meu filho Danilo tinha feito seus deveres sem eu precisar mandar, não atrasava mais na hora do banho, e não teve mais reclamações da professora dele em relação a sua amiguinha Alicia. Os dois eram como cão e gato, mas no fundo gostavam um do outro — eu pensava ser implicância de criança.

Era sexta-feira. Depois da escola, decidi passar na igreja antes de ir para casa. Tinha que matricular o Danilo nas aulas de catecismo.

Eu decidi que, naquele dia, iríamos à lanchonete, mas não disse a ele ainda.

Enquanto nós caminhávamos até a igreja, eu fiquei pensando no Guilherme. Ele era um homem muito bonito, tinha a voz grossa, cabelos claros; era alto, mas não muito forte, seus olhos expressavam o que ele estava sentindo.

Percebi que nunca mais tinha olhado para outro homem desde que Jonas havia me deixado, mas Guilherme mexeu com algo em mim que há muito tempo estava desacordado: o desejo de ter um homem novamente, de se sentir amada e também sentir as mãos passeando em meu corpo. Afastei meus pensamentos.

Danilo saiu correndo na minha frente, espantando os pombos, enquanto seu Honório jogava migalhas para eles. Danilo sentou perto do senhor e ele logo lhe deu um pedaço de pão para ele jogar também. Ali todos da cidade eram muito solícitos e gostavam das crianças. Pedi para Danilo se comportar e entrei na igreja fazendo o sinal da cruz. Padre Estevão, assim que me viu entrando, se aproximou com o seu sorriso alegre. Eu tinha aquele senhor como se fosse um pai, sempre me aconselhou quando eu precisei de uma palavra de conforto. E me ajudava quando Danilo aprontava algo.

— Heloísa, que bom ver você, minha filha. Está tudo bem? Cadê o Danilo? — Sempre preocupado comigo e meu filho.

— Está tudo bem sim padre. Danilo está lá fora com o seu Honório, eu vim para matricular ele nas aulas de catecismo. — Sentei-me deixando a minha bolsa em cima do assento.

— Vamos até a minha sala, lá você preenche a ficha. A madre Maria que vai ministrar as aulas, eu espero que o Danilo se comporte e aprenda alguma coisa. Sabe que ele é muito inteligente, mas arteiro também — concordei —, às vezes avoado — completou.

Após preencher a ficha, conversei mais um pouco com o padre. Convidei-o para ir ao arraial da escola. Padre Estevão disse que eu estava com um brilho diferente nos olhos — já sabia que nada passava despercebido por aquele senhorzinho esperto.

Claro que eu não mencionei que conheci o dono da lanchonete, e nem que ele nos convidou para ir até lá comer um lanche. Tinha certeza que ele iria dizer que as preces dele foram ouvidas e que eu encontrei alguém.

Despedi-me do padre, procurei pelo Danilo e não o vi em lugar algum. Seu Honório também não estava mais no banco da praça. Meu coração acelerou e eu já estava imaginando que ele tinha atravessado a rua, meus olhos logo se encheram de água. Gritei seu nome, olhando de um lado para o outro a procura dele, foi quando eu ouvi risadas e reconheci ser a dele.

Atravessei a rua e me deparei com uma cena linda: Danilo estava sentado em um das mesas da lanchonete tentando negociar a vendas de

todas as suas rifas com o Guilherme, enquanto ele tentava explicar que já tinha comprado de sua sobrinha, Alicia.

Eu fiquei parada, observando a conversa dos dois. Com a mão no peito ainda pelo susto.

— Se você comprar as minhas rifas, você vai ficar com mais chances de ganhar, pensa bem. Vai ter uma cesta de café da manhã, um frango assado, um bolo de chocolate, e minha mãe que vai fazer o bolo, é o bolo mais delicioso de todo o mundo.

Lágrimas escorriam dos meus olhos, mas isso não o livraria de uma boa bronca. Eu disse para ele não sair do lugar.

Aproximei-me e Guilherme me olhou demoradamente; logo Danilo se virou, arregalando os olhos. Ele sabia que estava encrencado.

— Eu disse para você não sair do lugar de onde eu te deixei Danilo. Você está de castigo até a próxima semana.

Guilherme se levantou, notei que ele vestia o uniforme da lanchonete.

— Heloísa, me desculpe, mas eu que chamei o seu filho para tomar um copo de suco. Ele estava sozinho do lado de fora da igreja, ele disse que você não iria gostar, mas eu insisti. Por favor, não brigue com ele, eu sou o culpado. — Fiquei admirada com a confissão dele.

Guilherme me estendeu um copo de suco de maracujá, dizendo que ia me ajudar a se acalmar. Resolvi me sentar, pois estava com as pernas tremendo.

— Desculpe mamãe, eu não queria te deixar preocupada, eu falei com o tio Gui que... — Olhei para o meu filho, abismada por ele mal conhecer o Guilherme e já estar cheio de intimidades com ele. Eu sabia que aquilo era a falta de uma referência masculina em casa. O que me deixou mais triste ainda.

— Você ia ficar preocupada se eu saísse do lugar que a senhora disse pra eu ficar. Mas ele disse que falaria com a senhora, então eu vim com ele. — Terminou de se explicar.

— Está tudo bem filho, mas, por favor, não faça mais isso sem me comunicar. Eu fiquei realmente preocupada, e você sabe que já me deu motivos o suficiente para eu me preocupar com você. Agora termine o seu suco, precisamos ir para casa.

— Tio Gui, o senhor vai comprar as minhas rifas? — Danilo disse assim que terminou de tomar o suco.

Ele não era nada bobo, sabia que eu estava ali e, com certeza, Guilherme não negaria. Às vezes ele me fazia passar cada vergonha...

Levantei-me.

— Claro amiguinho, só me diga quanto que dá. — Ele puxou a carteira do bolso.

— 60 reais. — Sorri, pois meu filho era muito esperto.

Guilherme entregou o dinheiro para o Danilo, que sorriu. Agradeceu e desejou sorte. Mas o que mais me surpreendeu foi quando Guilherme disse que gostaria muito de ganhar o bolo de chocolate. Queria provar se

era gostoso mesmo. Contudo a minha mente me fez entender outra coisa, entretanto foquei na sua curiosidade de conhecer o sabor do bolo. Ele se aproximou de mim e eu fiquei nervosa. Já havia completado dois anos que um homem não se aproximava de mim assim tão perto. Tentei puxar o ar com força, mas só piorou meu nervosismo.

— Estarei aguardando a sua presença ainda hoje aqui na minha lanchonete, Heloísa, e não aceito um não como resposta. — Tive a impressão que ele beijaria a minha bochecha, mas recuou quando ouviu a voz do Danilo.

— Vamos mamãe?

— Vamos sim, filho! Até mais tarde, Guilherme.

— Até mais tarde, tio Gui. — Danilo saiu correndo na minha frente quando viu os amiguinhos jogando futebol.

Apesar de não ser muito fã de hambúrguer, eu viria experimentar com certeza.



GUILHERME

Depois que Danilo e sua mãe foram embora, eu comecei a organizar as coisas para mais tarde. Fiz a massa dos pães e nem percebi que estava assobiando alegremente, no tempo que sovava a massa, até que meu funcionário começou a tirar sarro de mim quando entrou na cozinha. Mas eu nem liguei, estava me sentindo bem comigo mesmo como há muito tempo não sentia. Após separar as carnes para temperar e deixar prontas para fritar, eu as guardei no recipiente.

Quando eu trabalhava em uma das redes de hambúrgueres mais famosas de São Paulo, eu era considerado um funcionário exemplar — nunca deixei meus serviços para a última hora —, sendo assim, era sempre escolhido como o funcionário do mês. Porém eu sempre tive um

sonho: eu queria ter a minha própria lanchonete, e finalmente consegui quando saí do meu antigo emprego. Investi todo o meu dinheiro no projeto.

Olhei as horas no relógio e já estava na hora de abrir. Tinha cinco funcionários comigo e todos eles eram muitos responsáveis, chegavam sempre na hora certa e davam muita força quando eu precisava deles até mais tarde.

Depois de meia hora, a lanchonete já estava cheia e surgia pedidos de minuto em minuto. De vez em quando, eu olhava para ver se Heloísa e Danilo já haviam chegado, mas não os encontrei.

Será que ela não virá mais? Pensei.

Após preparar os hambúrgueres, a garçonete foi servir as mesas. Como estava muito quente na cozinha, saí para refrescar um pouco e me peguei sorrindo quando vi o garoto correndo, como sempre, para entrar na lanchonete. Heloísa estava chamando a atenção dele para ele prestar atenção e não cair. Nem me dei conta de que havia saído do lugar de onde estava até parar na frente dela; seus olhos azuis ficaram em um tom diferente quando me olhou, seus cabelos soltos deixavam seu rosto mais bonito. Aliás, ela era linda de todo jeito.

— Boa noite, Guilherme.

— Boa noite, Heloísa!

— Oi tio Guilherme, nós viemos lanchar hoje na sua lanchonete. Eu nem sabia que a mamãe tinha resolvido vir, ela me disse na hora mesmo que viríamos. — Nossos sorrisos saíram na mesma hora ao ouvir o garoto levado falar sem parar.

— Me deixa levar vocês dois para a mesa, são os meus convidados mais do que especiais hoje e pode pedir o que vocês quiserem.

— Eu vou querer um hambúrguer bem grandão com muita batata frita... Sabia que eu não gosto de maionese? Só de catchup... Tem refrigerante?

A mãe de Danilo baixou a cabeça, envergonhada, e eu sorri, pois o menino não fazia cerimônia e nem tinha papas na língua.

— E você, Heloísa? — Seu nome saiu como uma verdadeira adoração da minha boca.

Ela me olhou de uma forma diferente, mas tive que quebrar o contato visual para chamar uma garçonete para anotar o pedido. Tinha que retornar para a cozinha, pois já tinha acumulado muitos pedidos.

— Vou deixar que você me surpreenda, Guilherme, mas eu não como tanto quanto o Danilo. Prefiro suco natural de laranja.

Eu fiquei lisonjeado por ser eu a escolher o que ela comeria. Pedi licença e fui para a cozinha preparar os hambúrgueres.

Em vinte minutos, voltei e eu mesmo fiz questão de servir os dois. Quando o garoto colocou os olhos na bandeja, eles mudaram até de cor. Danilo esfregou uma mão na outra e passou a língua nos lábios, me fazendo achar graça da forma que ele fazia.

Após servir os dois, me retirei, observando de longe eles comerem. Voltei para a cozinha agilizando todos os pedidos e deixei Marcos, o chapeiro, no meu lugar.

O movimento já estava fraco, aproveitei e fui até a mesa dos dois, ouvindo Heloísa elogiar o hambúrguer, o pequeno comilão concordou mastigando e perguntou se voltariam no outro dia. Sorri e ela percebeu a minha presença.

— Estão gostando do lanche? — Puxei uma cadeira e me sentei perto do Danilo, assim poderia olhar nos olhos de sua mãe quando falasse com ela.

— Eu nunca comi um hambúrguer tão gostoso, tio Gui. É o senhor mesmo que faz?

Ajeitei-me na cadeira para explicar com maior orgulho que eu mesmo que fazia os hambúrgueres.

— Faço o pão e tempero a carne. Vi que você comeu tudo, presumo que gostou bastante. Ainda vou fazer você provar a minha maionese caseira.

— Mamãe também adorou, ela disse que nunca comeu um hambúrguer tão gostoso. Ela até sorriu, vovó disse que ela precisa encontrar alguém que a faça sorrir, eu acho que ela já encontrou o senhor tio Guilherme.

A mãe do linguarudo começou a tossir e tomou um pouco mais do suco. Claro que eu abri um sorriso largo, estava me divertindo com aquele garoto.

— O senhor sabia que a vovó disse que ela precisa encontrar alguém que a leve até ao céu e volte novamente para a terra em minutos. Eu não entendi bem o que ela quis dizer, mas quando eu sair do castigo e puder usar o meu tablete, vou pesquisar.

Agora eu não aguentei e soltei uma gargalhada alta. A mãe dele abaixou a cabeça, envergonhada. Eu mudei de assunto:

— Por que você está de castigo?

Ele limpou a boca com o lenço e começou a se explicar:

— Eu quebrei o vidro da janela do senhor Ruy, eu fui desobediente. Mamãe tinha ido a uma reunião na cidade e me deixou com a filha da dona Maria, eu esperei ela ir ao banheiro e saí de casa, fui para a beira da mata caçar passarinho com o meu estilingue, mas eu errei a pontaria e acertei a janela dele, aí mamãe me pôs de castigo. Eu não posso brincar na rua até aprender a lição. Eu já disse a ela que já aprendi, mas ela não acredita. Até pedi desculpas ao senhor Ruy, dona Violeta já me

desculpou, ela é uma velhinha muito boazinha, mas aperta muito a minha bochecha.

Olhei para a Heloísa, que estava sem acreditar no que o filho dizia.

— Você é muito arteiro, Danilo. Não pode sair por aí com um estilingue acertando as janelas dos outros. Tem que ser mais cuidadoso. Já pensou se em vez da janela, você acertasse a cabeça do seu Ruy?

Ele ficou pensativo.

— Eu já pedi perdão na missa, não vou mais caçar passarinho, não é mamãe? Eu prometi. Posso ir ao banheiro?

— Pode sim filho, mas, por favor, não mexa em nada. Quer ajuda?

— Não mamãe, eu já sou homem. Já disse que sei ir ao banheiro sozinho — ele disse meio chateado.

— Pode deixar que eu irei acompanhar o Danilo, tenho certeza que ele não achará ruim, não é Danilo?

Ele assentiu e eu o acompanhei.

Como a lanchonete já estava vazia e só tinha Heloísa e mais duas pessoas, pedi ao Marcos para fechar o caixa e a lanchonete, eu os levaria até a casa deles. Tinha a impressão que eles vieram andando e já estava um pouco tarde. Achava que não era bom ela ir sozinha com o filho por aí.



GUILHERME

— Se me permite, gostaria de levar vocês dois até a sua casa. Creio que já é tarde para você e seu filho ir andando sozinhos.

Heloísa se levantou, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. Estava ventando um pouco. Danilo já estava bocejando, agarrado ao colo da mãe.

— Não vai te atrapalhar? Danilo dorme cedo e já está cochilando. Mas posso pegar um táxi se você achar melhor.

— Não atrapalha. Posso perfeitamente levar os dois, só espere eu falar com o Marcos, ele sempre fecha a lanchonete para mim quando é preciso. Não saiam daqui.

Depois de tudo resolvido com o Marcos, peguei a chave do meu carro, tirei o uniforme da lanchonete e saí, encontrando Heloísa sentada, alisando o cabelo do filho que dormia em seu colo. Era uma cena linda de se ver, dava para notar que ela tinha um amor imenso pelo filho. Pela primeira vez, eu pensei em ter a minha própria família.

Ajudei a colocar o pequeno dorminhoco no banco de trás, ajustando o cinto de segurança. Abri a porta do carona para Heloísa, que entrou agradecendo. Em seguida, entrei ligando o carro, dando a ré enquanto ela me dizia onde morava; era no caminho oposto da minha casa, mas os levaria com certeza.

Em poucos minutos, já estávamos em frente a sua casa, era uma casa grande com alguns pés de planta na frente. Enquanto abria a porta, Heloísa saiu para pegar o filho. Eu ajudei-a, é claro, peguei Danilo no colo enquanto ela abria a porta da casa.

— Pode deixar ele aí no sofá mesmo, ele ainda tem que acordar para escovar os dentes.

Depositei devagar o menino e, em seguida, parei para admirar a casa por dentro. Na verdade, eu queria ficar mais um tempo perto de Heloísa. Não sabia qual era a necessidade disso, mas era como se algo me puxasse para mais perto dela.

— Obrigada por nos trazer, Guilherme. Sua garçonete disse que eu não precisaria pagar a conta, mas dei a gorjeta para ela, era o mínimo que eu podia fazer.

— Não precisa agradecer, e você pode aparecer lá mais vezes com o Danilo. Ele é uma criança muito esperta, eu gostei dele.

Ela abriu um enorme sorriso. Quando ia falar algo, uma mulher, muito parecida com ela, desceu a escada. Quando nos viu, abriu um enorme sorriso de satisfação.

— Filha aconteceu alguma coisa? — perguntou quando viu Danilo dormindo no sofá.

— Não mãe. Danilo, depois de encher o bucho de hambúrguer e batata frita, capotou de sono, e o seu Guilherme, dono da lanchonete, nos trouxe até em casa. Mas ele já está de saída. Muito obrigada, Guilherme.

— Não antes de tomar um café, espera só um pouquinho que eu vou passar um, vai ser rápido. Sente-se — a mãe dela disse, indicando-me o outro sofá.

Sem pensar duas vezes, me sentei. Heloísa apenas me olhava sem saber o que dizer.

— Quer ajuda para levá-lo para o quarto?

— Não, eu aguento carregar ele, só vou tirar esse sapato.

— Deixa-me ajudar — disse me pondo de pé.

Ela sorriu e me permitiu pegar o seu filho no colo, então andou na minha frente me guiando. Ele não pesava mais que 30 quilos, logo eu, acostumado a carregar peso, não me incomodei. Depositei devagar Danilo em sua cama, ele rolou para o outro lado, falando palavras que eu não entendi. Parecia brigar com alguém.

— Ele sempre fala dormindo — Heloísa disse.

Olhei ao redor do quarto. A arrumação era típica de uma criança arteira, tinha vários foguetes pendurados no teto. Olhei o porta-retratos que tinha um homem em pé segurando Danilo, ainda bebê, em seu colo. Supus ser o seu pai, pois eram muito parecidos um com o outro.

Será que ela é casada e o marido está viajando? Sem ter coragem para perguntar, fui em direção a porta e a abri, saindo, desci a escada e Heloísa me acompanhou.

No andar inferior, sua mãe já estava me esperando com o café que aceitei de forma educada. Eu não era muito fã da bebida, mas não recusaria.

— Então, seu Guilherme, o senhor é daqui de São José mesmo? Pois nunca tinha o visto por aqui, olha que eu ando a cidade toda. Sou agente comunitária, me chamo Margarete. Estou muito alegre por minha filha ter feito amizades.

— Prazer, dona Margarete. Eu me mudei tem cerca de cinco meses. Primeiro vim comprar o terreno e construir a lanchonete. Mas meus primos moram aqui. Um tem uma fazenda, o Kenny, o outro é mecânico e tem uma oficina, o Theodoro, e tem o Alex que tem uma empresa de fretagem.

Ela puxou na memória como se estivesse tentando lembrar.

— Ah! conheço os meninos sim, mas devo lhe dizer que o fazendeiro é muito ranzinza, vive isolado naquela fazenda. Porém, como eu não gosto de me incomodar com a vida dos outros, deixa ele para lá. O mecânico é gente boa, a última vez que o meu carro quebrou, ele foi bem bacana, ainda fez um precinho camarada. E o Alex nem se fala, mesmo com todas as dificuldades, criou a pequena Alicia muito bem. E você? Tem filhos? É casado?

— Mamãe, eu acho que já está tarde, seu Guilherme precisa ir embora — Heloísa disse se levantando.

Notei que ela ficou envergonhada com as perguntas da mãe.

— Está tarde mesmo, amanhã acordo cedo. Muito obrigado pelo café, dona Margarete. Heloísa, eu espero te ver mais vezes na lanchonete, e pode levar o Danilo sempre. Boa noite!

Assim que me despedi, Heloísa sorriu e fechou a porta.

Entrei no meu carro, sentindo todo o meu corpo relaxar. Aquela senhorinha baixinha era um perigo com o tanto de perguntas que ela fazia, mas era uma boa pessoa.

Cheguei em casa e Fred saiu pela porta assim que abri, foi fazer as necessidades e eu fiquei esperando, escorado na porta. Com certeza, ele demoraria porque foi correr atrás do gato da vizinha. Entrei para pegar a coleira para tentar trazê-lo de volta. Enquanto ele corria pela grama do vizinho, eu praguejei bem baixinho. Com certeza, pela manhã o seu Honório viria reclamar.

Fred, Fred... o que eu faço com você?



HELOISA

Era sábado, eu acordava sempre tarde, entretanto, daquela vez foi diferente. Acordei cedo e fiquei deitada, pensando em tudo o que acontecera na noite anterior. A minha mãe, com certeza, não tinha filtro; queria encher o Guilherme de perguntas, e quase não me deixou dormir, fazendo perguntas sobre ele.

Você viu como ele cuidou bem do Danilo? E a forma como ele olha para você? Heloísa, você tem que se permitir viver mais, minha filha. Você é tão nova ainda. Tive que expulsá-la do meu quarto.

Dona Margarete quando gostava de alguém, fazia o impossível para essa pessoa ser feliz.

Levantei-me da cama, abrindo a janela do meu quarto e notando que o dia estava lindo, já tinha roupas estendidas no varal no fundo do quintal. Balancei minha cabeça em negação; Dona Margarete levantou cedo também e já estava a todo vapor nos afazeres domésticos. Saí do quarto, passei pelo corredor e, em seguida, entrei no quarto do Danilo, mas ele não estava mais na cama.

O que aconteceu para esse povo levantar da cama tão cedo? Será que hoje é alguma data importante e eu esqueci?

Desci a escada e os encontrei em um papo na cozinha.

— Tio Gui é muito bacana, vovó. Acredita que ele comprou todas as minhas rifas? – Danilo dizia, tomando um pouco do seu leite.

— Você gostou dele mesmo, né amor? — Mamãe perguntou enquanto terminava de enxugar as louças.

— Ele disse que podemos ser amigos, eu disse a ele que eu nunca tive um amigo adulto, ele também nunca teve um amigo que é uma criança. Ele disse que eu posso ir à lanchonete quando eu quiser. — Essa parte ele disse com orgulho.

Fiquei mais uns minutos admirando o meu filho falar do Guilherme com admiração. Certa tristeza tomou conta de mim, pois o meu filho sentia falta do pai, o que me fez mais uma vez engolir o meu orgulho para ligar para o Jonas pela décima vez, cobrando que ele ligasse para o filho e agisse como um pai. Voltei para o meu quarto e disquei o seu

número, ele não atendeu no primeiro toque, liguei mais uma vez e ele atendeu de forma grosseira.

— Me ligando uma hora dessas, Heloísa? Espero que alguém tenha morrido para você me ligar tão cedo.

Contei até dez para evitar uma briga.

— Não, Jonas, graças a Deus, ninguém morreu. Eu só te liguei para te lembrar que as férias estão chegando, e você prometeu para o seu filho que viria buscá-lo para ir para a sua casa. Hoje é sábado e você se esqueceu de ligar para ele.

Senti quando ele respirou alto.

— Porra Heloísa, são oito e meia da manhã, o dia nem começou direito e você já está me cobrando? A última vez que eu liguei para o Danilo, ele ainda estava dormindo. — Ele deu uma pausa, mas logo continuou: — Sobre as férias de julho, eu irei para Londres com a Melissa para conhecer a família dela, também tem a questão do bebê, eu não vou ter tempo para dar atenção para o Danilo. Mas irei ligar para ele, avisando sobre a viagem, e vou mandar um presente para ele.

— Não precisa ligar Jonas. Se for para magoar o menino e depois enviar presente, que ele não faz nem questão de abrir a embalagem para saber o que é que tem dentro, melhor não dizer nada. Eu irei conversar com ele, só espero que quando você for procurar por ele para dar uma de pai, não seja tarde demais. O seu filho está crescendo, ele não vai ter

sete anos para sempre. — Não o esperei responder; desliguei o telefone, sentindo raiva do Jonas.

Como ele pôde se esquecer do filho? Não importa quantos filhos eu irei ter, jamais esquecerei o primeiro.

Depois de ir lavar a minha cara no banheiro, desci novamente para a cozinha, deixando toda a tristeza de lado e sorrindo para o meu filho, que estava sentado no sofá assistindo desenho. Quando me viu, levantou e me abraçou.

Amor não faltaria para o meu filho, eu faria de tudo para ele ser feliz, por isso resolvi tirá-lo do castigo e deixar Danilo ir brincar na rua com as outras crianças.

— Quer ir brincar na praça com os seus colegas, Danilo? — ele me olhou como se não acreditasse no que eu tinha acabado de dizer.

— De verdade, mamãe?

— É verdade, mas você tem que prometer que não vai sair da praça e também não vai entrar na mata, ou subir nas árvores. Promete?

Ele uniu as duas mãos como sempre fazia, e prometeu.

Fiquei na porta, observando meu filho correndo feliz para ir brincar com os amiguinhos. Pouco tempo depois, minha mãe apareceu com a vassoura na mão, toda suada. Ela estava varrendo o quintal.

— Não acreditei quando vi Danilo indo à praça para brincar. O que te deu para tirar o menino do castigo?

Sentei-me no batente e comecei a falar:

— Jonas não vai mais vir buscar o Danilo nas férias, disse que vai viajar para Londres para conhecer a família da nova mulher, e também tem o bebê; ele disse que não vai ter tempo para o Danilo, mas nós sabemos que isso é mentira, não é mamãe? Jonas nunca deu a mínima para o filho, por isso tirei Danilo do castigo, pois quando souber que o pai não irá mais vir buscá-lo, vai ficar triste. — Suspirei me sentindo culpada por meu filho não ter um pai que o amasse como ele merecia.

— Jonas não presta desde sempre, Heloísa. Mas, minha filha, Danilo é uma criança tão esperta... claro que ele já desconfiou que o pai não quer vê-lo, ele que não diz nada. O que nos resta é dar amor para ele se sentir muito amado. Agora, mudando de assunto, o Guilherme é uma ótima pessoa, Danilo o considera como amigo, não o proíba de se aproximar do Guilherme, minha filha, ele já não tem uma figura masculina em casa, então deixe os dois serem amigos.

— De onde você tirou que eu vou proibir o Danilo de ser amigo do Guilherme?

— É assim em todas às vezes; quando você descobre que está se envolvendo, você afasta a pessoa. Eu te conheço, Heloísa.

Virei rapidamente para ela.

— E quem disse que eu vou me envolver com o Guilherme, dona Margarete?

— Só não vai se envolver se for boba! Um homem lindo que nem ele, educado... Se fosse outro, teria te deixado vir a pé carregando o Danilo no colo, mas não, te trouxe e ainda te ajudou a pôr o pestinha na cama. — Sorriu toda encabulada.

— Para com isso, mamãe. A senhora nem sabe se ele é casado ou não, ou se tem namorada. Eu lá tenho idade para ficar fantasiando historinha de romance? Eu hein! — Levantei-me, deixando-a sorrindo da minha cara.

Imagina se eu iria ter algo com o Guilherme, um homem lindo e educado... Imagina!



GUILHERME

A vida é muito engraçada mesmo! Antes de dormir, fiquei pensando em tudo que me acontecera na noite anterior. Eu nunca coloquei uma criança na cama para dormir, aliás, eu nem era próximo de crianças. Tinha uma irmã mais nova por parte de pai, ela tinha uma filha de dez anos; eu sempre fui o tipo de tio que envia os presentes no dia do aniversário e, quando tinha tempo, passava na festinha, bem rápido. Mas aquele garotinho esperto de cabelos loiros despertou em mim um sentimento que eu nem imaginava que tinha dentro de mim. E conversando com o meu primo Kenny, ele me contou das poucas e boas que ele já aprontara pela cidade.

Fui até a fazenda do meu primo para pegar umas frutas, pois Alex teve que resolver um assunto familiar e não pôde ir buscar. Conversa vai, conversa vem, ele me contou do dia em que a diretora do Colégio foi pedir permissão para que os alunos do terceiro ano da sua escola pudessem fazer um passeio nas dependências da fazenda, ele disse que relutou bastante, pois quem o conhecia sabia que ele não suportava crianças. Ver a cara dele contando que, no dia, fez de tudo para não estar na fazenda, me fez ter uma crise de risos. Ele também disse que não teve jeito, na hora que ele estava prestes a sair, os pestinhas chegaram.

Kenny disse que o Danilo se afastou dos demais alunos e foi para a área dos cavalos, ele montou em um pônei e o cavalo saiu em disparada com ele em cima. Graças a Deus, ele só fez ralar os braços, e serviu de lição, pois ele nunca mais se aproximou dos bichos quando ia com as outras crianças visitar a fazenda.

Eu tinha noção da peste que o garoto era, mas tinha mais certeza que o meu primo estava tentando me colocar medo. Todavia eu dei foi umas belas gargalhadas, aquele garoto era demais.

Saí dos meus pensamentos quando escutei um grito vindo da pracinha onde os moleques estavam jogando bola.

Era dia de lavar as cadeiras, mesas e o chão da lanchonete, pois dia de sábado era o dia que mais lotava e a arrumação tinha que

começar cedo. Joguei a vassoura em um canto e corri até a praça, encontrei Danilo caído no chão, chorando. Ele segurava o joelho, sentindo muita dor. Em um movimento rápido, o peguei em meu colo e, sem pensar em nada, sentei-o no balcão e pedi para ele ficar quietinho enquanto ia pegar a caixa de primeiro socorros.

As outras crianças chegaram todas preocupadas com ele.

Voltei, limpei a área ralada com água e sabão neutro. Não era nada preocupante, porém o garoto devia ter medo de ver sangue, pois se assustou. Em seguida, sequei e espirrei um pouco de mertiolate, que fez Danilo gemer quando o líquido foi ao encontro do ferimento. Soprei tentando aliviar a ardência.

— Pronto, consegue andar?

Ele negou com a cabeça

Resolvi servir um lanche para todos eles, pedi para todos se sentarem e fui para a cozinha fazer panquecas. Em menos de dez minutos, todos comiam, dizendo que estava uma delícia. Alguns garotos agradeceram e foram embora, outros ficaram por ali mesmo correndo atrás de pipa.

— E você não vai para casa? — perguntei ao Danilo.

Seus grandes olhos azuis me fitaram.

— Estou com medo, saí do castigo hoje e já arrumei confusão, mamãe vai me colocar novamente no castigo. — Abaixou a cabeça, triste.

— Mas não foi culpa sua rapaz, foi um pequeno acidente.

Ele coçou a cabeça e disse:

— Vamos comigo então, tio Gui, aí você pode explicar pra ela que eu caí porque subi no pé de manga sem querer.

Minha vontade era de sorrir da cara de anjo que ele fez. *Quem sobe em um pé de manga sem querer? Inacreditável esse garoto.*

— Então você estava trepando na árvore sem querer e caiu... e se você tivesse quebrado um braço ou uma perna? Ou pior, batido a cabeça? Já pensou como sua mãe iria sofrer?

Ele começou a chorar, era um choro sentido de arrependimento. Fiquei com dó.

— Vou te levar, mas não posso mentir para a sua mãe, não é certo. Espere aqui enquanto vou avisar as meninas da limpeza.

Danilo limpou o nariz com a costa da mão, assentindo.

Às vezes eu pensava que o meu primo Kenny tinha razão em não gostar de crianças, elas dão muito trabalho.

Troquei de camisa, pois aquela estava molhada, por sorte, eu trazia roupas extras sempre comigo. Peguei a chave do meu carro e fui levar o

anjinho até a sua casa. O caminho todo ele fez em silêncio e aquilo já estava me incomodando. Parei o carro e abri a porta para ele sair; ainda estava com os olhos inchados e mancando. Logo a porta da sua casa foi aberta e sua mãe correu em nossa direção. Danilo apertou minha mão com força.

— O que foi que aconteceu Danilo?

— Eu caí mamãe, eu sei que eu prometi que não iria mais subir nas árvores altas, mas é que o Romário disse que eu era um filhinho de mamãe e tinha medo. — Soluçou. — Aí o tio Guilherme me ajudou, mas não foi nada de mais não, né tio Guilherme? Eu nem estou com dor — tentou andar, mas recuou pela dor no joelho.

— Eu não sei mais o que eu faço com você, Danilo, quando não é reclamação do seu Ruy, é você subindo em árvores. E ainda fica dando trabalho para o Guilherme. Entre, por favor.

Ele não pensou nem duas vezes e seguiu mancando.

— Desculpe-me por ele ter te dado trabalho, era só me ligar que eu iria buscá-lo — disse sem jeito.

— Não precisa se desculpar e não foi trabalho algum, ao contrário, eu faria isso por qualquer criança que estivesse correndo risco. Eu só pensei em trazê-lo em segurança. Não briga com ele, crianças são assim mesmo. Eu me lembro que eu dei maior susto na minha mãe quando

resolvi fritar um ovo com sete anos de idade, quase coloquei fogo na casa com todos dentro.

Ela começou a sorrir por causa da minha história.

— Duvido que você não tenha aprontado nada nessa idade, sua carinha não nega que não foi tão comportada assim! Anda, me conta...

O rosto dela ganhou um tom avermelhado.

— Se eu disser que nunca caí de uma árvore, ou quebrei a janela do vizinho, você não vai acreditar; eu sempre fui uma criança curiosa, mas travessa não. Então Danilo nasceu e tudo o que eu não fui quando criança, ele é. Agora me deixa ir lá ver o que ele aprontou no joelho, com certeza vai fazer o maior drama. Obrigada mais uma vez.

— Não precisa agradecer Heloísa. Eu lavei o ferimento com água e sabão e só foi um arranhão, não se preocupe. Você me permite entregar um hambúrguer para ele mais tarde?

Vi que seus olhos lacrimejaram, ela estava emocionada. Então sorriu e fez o que eu jamais pensei que faria: ela me abraçou e sussurrou um: “Obrigada” em meu ouvido. Os pelos do meu braço se arrepiaram e o meu coração bateu descompassado em meu peito.

Eu a apertei em meus braços e olhei em seus olhos, sussurrando que não precisava agradecer.



HELOISA

Antes de entrar em casa, parei na porta e respirei fundo numa tentativa de normalizar os meus batimentos cardíacos. Eu tinha abraçado o Guilherme e tinha sentido algo que nunca senti por homem algum, nem pelo Jonas com quem fui casada por dez anos.

Minha mãe estava na cozinha olhando pela janela e, quando me viu entrando, disfarçou indo lavar as louças.

Parei na soleira da porta.

— Nem começa dona Margarete, apenas agradei ao Guilherme pelo cuidado que ele teve com o Danilo.

— Mas eu não disse nada — disse, enxugando as mãos no guardanapo.

Balancei a cabeça e segui para o quarto do Danilo.

Abri a porta devagar. Ele estava deitado de peito pra cima, olhando para o teto. Quando me viu, fez a carinha de sempre como se estivesse arrependido.

— Eu estou de castigo de novo, não é mamãe?

Sentei-me na beirada da cama e coloquei a cabeça dele em meu colo, comecei alisar o seu cabelo; Danilo fungou.

— Vai adiantar se eu colocar você de novo de castigo? Você vai parar de subir nas árvores?

— Me desculpe mamãe, eu sei que eu desobedeci à senhora de novo, mas eu achei que não cairia da árvore. Eu prometo que não vou mais fazer essas artes mais, o tio Gui disse que poderia ter sido grave e a senhora iria sofrer, então ele cuidou do meu joelho ralado e ainda deu um lanche para todos os garotos. Ele é tão legal, né mamãe? — disse me olhando.

Eu fiquei sem palavras.

— Filho, você não está de castigo, mas, por favor, amor, presta mais atenção no que eu falo. Você não é mais uma criancinha de dois

anos, já vai fazer oito anos, já entende e sabe o que é perigoso.

Ele se levantou.

— É de verdade mamãe? Eu não estou mais de castigo de novo?

— Foi só isso que ele entendeu.

— Não está mais Danilo, mas você entendeu o que eu te disse?

— Eu não vou mais subir em árvores, mamãe. Eu posso convidar o tio Gui para ir para o arraial do Colégio?

Agora mais essa.

— Danilo, o Guilherme é um homem ocupado, ele precisa estar na lanchonete dele cuidando dos negócios. E meu filho, eu tenho que ter uma conversa com você sobre o seu pai. — Ele se calou para prestar atenção. Meu coração já estava doendo. — O seu pai não vai poder vir te buscar para te levar para passar as férias com ele. — Parei e fiquei esperando a sua reação. Mas ele não teve nenhuma reação, apenas mexia os dedos tocando um no outro. — Ele vai viajar... E se você quiser, nós podemos viajar também. O que acha?

— Não mamãe, eu não quero viajar, quero ficar aqui mesmo brincando com os meus amigos — disse um pouco triste.

— Mas seu pai vai te ligar filho. Agora vá tomar um banho, mais tarde vou te levar a aula de catecismo. Tudo bem?

— Posso jogar um joguinho no meu *tablet*?

Sorri e me levantei para ir pegar o aparelho. Dei um beijo e um abraço no meu filho, eu queria que ele soubesse o quanto ele era amado por mim. Logo retornei, entregando o aparelho para ele que pegou e continuou deitado em sua cama, saí para ajudar a minha mãe com o almoço. Só que algo me preocupava, Danilo nem reclamou do pai, todas as vezes que Jonas deixava de cumprir algo, ele chorava e ficava triste por dias.

— Filha, até uma criança cansa de esperar pelo pai. Já é a segunda vez que o Jonas desmarca algo com ele. Ano passado mentiu dizendo que estava trabalhando muito, mas nós sabemos que ele estava com a esposa grávida e com certeza não queria que o filho fosse atrapalhar os dois. É duro, mas é a mais pura realidade — minha mãe disse depois que contei sobre a minha conversa com o Danilo.

— Mas deixa só o Danilo esquecer ele, ou parar de perguntar, pra ver se ele logo não aparece por aqui com a cara mais lisa. Eu não vou pedir para o meu filho perdoá-lo, vou deixar que o Danilo escolha o que fazer. Quer apostar como semana que vem chega um presente aqui em casa? Mais um pra coleção.

Minha mãe suspirou, concordando. Terminamos de arrumar a mesa e fui chamar o Danilo.

Já era quase três da tarde quando fui deixar o Danilo na aula de catecismo, como ele ainda mancava, fomos de carro. Estacionei em frente à igreja e ele desceu do carro e entrou no local, me dando tchau.

Como já estávamos quase sem produtos de higiene, fui andando até o outro lado da rua para entrar no supermercado para comprar as coisas. Resolvi esperar pelo Danilo por ali mesmo, já que as aulas duravam apenas uma hora.

Depois de fazer as compras, deixei-as dentro do carro e fui até o carrinho de sorvete do seu Clóvis. Sentei-me, esperando-o ir pegar o sorvete de casquinha. Assim que me entregou, comecei a provar o sorvete, sentindo o gosto da minha infância.

Todos os sábados, eu e minha mãe íamos até aquela mesma praça. Eu perdi meu pai muito cedo, então ela fazia de tudo para que eu não me sentisse triste.

De repente, senti uma coisa puxando a minha mão. Espantei-me e me levantei rápido. Seu Clóvis começou a dar risada, pois um cachorro enorme roubou o meu sorvete e devorou em questão de minutos. Coloquei a mão no meu coração, pois achei que fosse um assalto. Olhei para o animal, que lambia o chão limpando as últimas gotas do que sobrou do sorvete. Logo uma voz grossa o chamou, repreendendo o animal.

— Eu não acredito Fred, que você fez isso com a moça.

Eu reconheci a voz da pessoa e me virei. Quando ele notou que era eu, ficou envergonhado, balançando a cabeça. O cachorro abanava o rabo em sua direção.

— Heloísa, mil desculpas, ele se soltou da coleira e correu para cá. Fred não costuma fazer isso, eu estou sem acreditar até agora que ele fez isso. Esse cachorro malandro!

Eu nem estava prestando atenção no que o Guilherme estava falando, e sim em seu peito desnudo; ele estava todo suado e com a camisa amarrada na cabeça. Fiquei sem reação quando ele me pegou no flagra. Notando que eu estava devorando o seu peito, tirou a camisa da cabeça e a vestiu.

Então comecei a gaguejar:

— Nã... Não precisa se desculpar, eu só me assustei, pois achei que fosse um assalto. É difícil, mas acontece.

Senti algo lambendo a minha mão, abaixei os olhos na direção do chão, era o cachorro lambendo. Comecei a gargalhar, era mesmo um cachorro sem vergonha.

— Fred venha aqui. — O cachorro baixou o olhar e foi em sua direção, Guilherme colocou a coleira nele. Fred sentou, colocando a

língua para fora.

— Se você quiser outro sorvete, fique a vontade para pedir ao senhor Clóvis.

— Não se preocupe, já está dando a hora de pegar o Danilo na igreja, a aula já deve ter acabado.

— E por falar nele, como ele está? — perguntou interessado.

— Mancando, mas vai ficar bem.

Olhei na direção da igreja e vi Danilo me procurando. De longe me viu e olhou de um lado para o outro para atravessar a rua, devagar, caminhou em minha direção. Quando notou o Guilherme, abriu o maior sorriso, mas seus olhos brilharam quando viu o cachorro. Ele sempre gostou de animais, quando morávamos na cidade de São Paulo ele tinha um hamster.

— Oi mamãe. Oi tio Guilherme, esse cachorro é seu?

— É sim, e você não acredita o que ele fez com a sua mãe — Guilherme disse divertido.

— O que ele fez? Mordeu? — Preocupou-se, olhando para as minhas pernas.

— Ele roubou o sorvete dela, esse cachorro safado.

Fred colocou as duas patas nos olhos como se estivesse com vergonha. Todos nós rimos dele.

— Ele é tão fofinho, e ainda toma sorvete. — Danilo fez carinho em sua cabeça. O cachorro começou a lamber a mão dele.

— Posso ter um cachorrinho, mamãe? Acho que se o meu pai me ligar se desculpando porque ele não quer mais passar as férias comigo, vou dizer que só desculpo se ele me der um cachorrinho.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando meu filho disse aquilo. Ele sabia que o pai não queria passar as férias com ele. Virei meu rosto, limpando uma lágrima que desceu. Guilherme percebeu, pois entregou a coleira do Fred para o Danilo e se sentou ao meu lado. Danilo começou a andar com o cachorro, mas sempre por perto.

— Por que você está chorando? Por favor, se eu puder ajudar em algo, me diga.

Eu não consegui dizer nada, apenas me joguei nos braços do Guilherme. Ele me abraçou e eu chorei em seu peito, baixinho, sentindo o cheiro do seu perfume misturado ao suor.



GUILHERME

Sem saber o que dizer ou fazer, somente deixei Heloísa chorar abraçada a mim. Era um choro baixinho, ela não queria que eu ouvisse, mas não tinha como não ouvir. Eu senti a sua dor. Supus que o marido, ou ex-marido, era o responsável.

Ela saiu dos meus braços, envergonhada, olhando em volta para saber do filho. Era uma mãe protetora. Quando viu Danilo brincando com o Fred, relaxou. Dava para notar que era uma mãe perfeita, sempre preocupada com o filho.

— Desculpe-me, você não deve ter entendido nada, mas muito obrigada por me dar apoio. Para que você entenda um pouco, eu não gosto de ver meu filho triste, não sei se você é pai para me entender.

— Não sou pai ainda, mas te entendo completamente. Acho que os homens tinham que vir com uma placa de aviso na testa de: “Bom pai”.

— Sorri sem jeito pelo meu comentário. — Algum problema com o garoto que eu possa ajudar? Eu notei a maneira que ele se referiu ao pai, sobre o desculpar querendo um cachorro. Ele não é presente na vida dele, não é?

Ela assentiu.

— Desde que nos separamos, ele não tem dado muita atenção para o filho. Está sempre dizendo que está ocupado, ou que o bebê tira todo o tempo dele. Danilo pode até ser esperto, mas eu sinto que ele sente falta do pai, e isso parte o meu coração. Meu filho é a pessoa que eu mais amo no mundo, eu sinto uma dor tão grande ao vê-lo assim tristonho. — Ela olhou em direção ao filho e começou a sorrir, o garoto jogava o graveto e Fred ia buscar. Os dois já tinham se tornado grandes amigos.

Fred nunca foi um cachorro brabo, era bagunceiro e ia com quem chamasse ele. Era dócil, na verdade. Os dois voltaram correndo e pararam ofegante perto da Heloísa e eu.

— Mamãe, eu posso tomar um sorvete? — O garoto disse ofegante.

Peguei uma garrafa d'água, que sempre carregava na mochila, e ajudei Fred beber um pouco.

— Pode sim, mas, por favor, não se suje.

— O Fred também quer tio Gui. — Quando ele me chamava de tio Gui, eu adorava. Mesmo não sendo tio dele, só o fato de ele me chamar assim fazia com que eu me sentisse especial.

— O Fred já tomou, aliás, roubou o sorvete da Heloísa. Se ele tomar outro, vai ficar com dor de barriga, e não queremos isso, não é Fred?

Ele latiu discordando de mim.

— Não sabia que cachorro tinha dor de barriga. Eles choram também? Porque eu choro. Fui até ao médico naquela vez, né mamãe? Tomei injeção na bunda.

— Fred também já tomou injeção, porque como ele é safado e come de tudo, uma vez comeu lixo e teve dor de barriga.

— Eca, Fred! Não pode comer lixo — ele disse, fazendo cara de nojo.

Danilo voltou, tomando o sorvete, e se sentou longe do Fred, que reclamou, gemendo.

Olhei no relógio e já estava quase na hora de ir abrir a lanchonete. Dia de sábado abríamos mais cedo. Tinha que passar em casa para deixar o Fred e trocar de roupa, mas antes tinha que ter certeza se

Heloísa estava bem ao ponto de dirigir. Senti que ela ficou um pouco nervosa depois da nossa conversa.

— Preciso abrir a lanchonete, mas antes vou passar em casa. Você está bem para ir dirigindo? Se não estiver, posso deixar vocês em casa.

— Não precisa Guilherme, eu já estou bem. Vamos filho, pega a sua mochila.

— Poxa, nós temos que ir mesmo mamãe? Eu queria ficar mais um pouco brincando com o Fred. — Danilo fez uma cara triste.

— Fred também já vai para casa, Danilo, mas amanhã nós podemos levar ele para passear um pouco na cidade, o que acha?

Seus olhos ficaram enormes.

— De verdade, tio Gui? Posso ir, mamãe, com o tio Gui levar o Fred para passear amanhã?

Heloísa me olhou buscando uma resposta para saber se era sério o que eu estava falando. Fiz um movimento com a cabeça afirmando que era sério.

— Pode sim, contanto que se comporte e não faça nenhuma arte. Agora precisamos ir.

Levei os dois até o carro, passei a mão nos cabelos do moleque, bagunçado, enquanto ele se despedia do Fred. Virei para me despedir de sua mãe.

— Você poderia me passar o número do seu celular, para amanhã eu ligar avisando a que horas passo na sua casa para buscar o Danilo?

Ela concordou, e eu entreguei meu celular para Heloísa anotar o seu número. Despedimo-nos e eu fui para casa.

Precisava me reunir com os meus primos para me aconselhar.

∞ ∞ ∞

— Chefe? — Marcos bateu no meu ombro, o encarei sem entender.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Ele sorriu de forma debochada.

— Cadê o pedido da mesa três? Tem quase cinco minutos que a Leila trouxe para o senhor fazer. A moça da mesa já veio reclamar.

Arregalei os olhos.

— Puta que pariu, esqueci. Leva essa porção de batatas fritas por conta da casa até que o pedido esteja pronto — disse.

Ele balançou a cabeça, desacreditando que eu havia esquecido o pedido.

Sempre tem a primeira vez.

— Tudo bem chefe, tomara que a fera acalme. — Gargalhou, saindo.

Depois de fechar tudo na lanchonete, saí e entrei no meu carro. Algumas das garçonetes iam andando para as suas casas porque elas moravam perto. Marcos era o único que morava longe, mas tinha moto.

Estacionei o carro e, logo estava abrindo a porta de casa.

Fred dormia, entretanto, quando ouviu o barulho, olhou na direção da porta, porém permaneceu no mesmo lugar. Ele estava cansado mesmo. Passei por ele, pegando em sua cabeça para fazer um carinho.

Após o banho, deitei-me para dormir. Estava tão cansado que logo adormeci, todavia, antes pensei na Heloísa e no seu cheiro doce. Suspirei tentando, de alguma forma, absorver aquele cheiro delicioso.

Heloísa, disse seu nome baixo, sentindo as minhas pálpebras pesadas, então caí no sono.



HELOISA

Danilo quase não conseguiu dormir, estava tão ansioso pelo passeio com o Guilherme e o Fred, que não parava de falar para a avó que o Fred era um cachorro inteligente, que roubou o meu sorvete sem querer, que ele só queria descobrir que gosto tinha. Onde já se viu roubar algo sem querer? Só Danilo mesmo...

Mamãe não parava de achar graça dele tentando proteger o animal da culpa. Eu estava feliz por meu filho estar contente e não ter ficado triste porque o pai não iria buscá-lo nas férias.

A minha mente não parava de pensar em Guilherme. Era estranho para mim esse novo sentimento, mesmo eu sabendo que podia não ser recíproco, eu me pegava imaginando nós dois.

Depois que me separei do Jonas, eu decidi viver para meu filho e o meu trabalho, era tudo o que eu queria depois que voltei para São José — mas as coisas nem sempre saem como queremos. Desde que vi Guilherme, pela primeira vez, me olhando, meu coração bateu forte. Tinha momentos que percebia que ele me olhava de forma diferente — não sei explicar bem —, mas devia ser coisa da minha cabeça.

Após o divórcio, eu nunca mais fui à mesma; passei a usar roupas largas e voltei a usar óculos em vez das lentes — meus óculos eram grandes e, pouco me importava. Nem aparentava ter 31 anos, parecia que tinha mais. Contudo me deu vontade de voltar a usar as lentes em vez dos óculos enormes e as minhas roupas de antes, sem ser as largas.

Será que alguém vai notar se eu voltar a ser eu novamente? Com esse pensamento, fui para o meu quarto, desfiz o coque dos meus cabelos deixando-os caírem livres em minhas costas, tirei os óculos e a minha visão embaçou um pouco. No outro dia, colocaria as lentes.

Deitei-me na cama, a espera do sono que não veio. O que me restou fazer foi fechar meus olhos e tentar dormir.

∞ ∞ ∞

— Mamãe, mamãe, já amanheceu. Quero logo tomar meu café e me arrumar para esperar o tio Gui.

Abri meus olhos e vi Danilo de pé ao lado da minha cama, com os cabelos bagunçados. Bocejei antes de olhar as horas no despertador.

— Meu filho são 7 horas da manhã... E o Guilherme disse que ligaria antes — disse, prendendo o meu cabelo e procurando os meus óculos.

— Ainda é cedo, mamãe? Eu só não quero me atrasar porque o tio Gui pode desistir de me esperar.

Bati no colchão para ele se sentar. Assim que se sentou, eu comecei a falar:

— Ele não vai desistir não meu amor, Guilherme tem palavra. Agora vamos descer para tomar aquele café reforçado e fazer um lanche para você levar.

Danilo se levantou, animado. Depressa, correu descendo as escadas. Sorri vendo o entusiasmo dele.

Assim que Danilo foi para o banho, eu arrumei a mochila dele, colocando alguns sanduíches e suco na garrafinha dele. Mamãe tinha saído cedo para a cidade, ela tinha ido à casa da tia Marlene, a sua irmã.

Meu celular tocou, atendi quando vi o número desconhecido piscando na tela. Era Guilherme, só podia ser então atendi.

— Alô? — Minha voz saiu baixa e rouca.

— *Bom dia Heloísa, sou eu, o Guilherme.* — Ele estava ofegante.

O que será que estava fazendo?

— Bom dia Guilherme, tudo bem?

— *Está tudo bem. Eu só liguei para avisar que estou terminando a minha corrida matinal; vou tomar meu banho e meu café e, dentro de*

meia hora estou indo buscar o Danilo. Tudo bem para você?

Ele só estava correndo. Pensei aliviada.

— Tudo sim, ele já acordou e está todo eufórico com o passeio. Guilherme?...

— *Sim, Heloísa?*

— Obrigada pelo seu gesto com o meu filho, eu não vou me esquecer.

— Não precisa agradecer Heloísa, eu gosto do garoto e só quero que ele fique feliz. Agora preciso de um banho, até breve. — Assim que ele desligou o celular, fiquei com o aparelho agarrado ao meu peito. Era uma sensação estranha, mas boa.

Subi para ajudar o Danilo a se arrumar. Já que ele ia sair com o Guilherme, eu iria aproveitar para ir ao salão da Andréia, fazia um tempinho que não aparecia por lá.

Quando ela me olhar vai se admirar. Pensei.

Abri a porta do quarto do Danilo. Ele estava só de cueca, olhando para as roupas, indeciso.

— Guilherme ligou filho, ele disse que em meia hora passa aqui para pegar você. Acho bom você ir de bermuda e camiseta, leva o seu moletom caso esfrie.

Depois do Danilo se arrumar, Guilherme chegou. Ele estava vestido casualmente, seus cabelos ainda estavam molhados. Ao nos ver na porta, caminhou sorridente com Fred na coleira.

— Bom dia Danilo. Heloísa, tudo bem?

Danilo correu e o abraçou, senti que ele ficou emocionado e sem jeito.

— Eu já estou pronto tio Gui — disse, passando a mão na cabeça do cachorro, que latiu animado.

— Você não quer vir conosco, Heloísa?

— Vem mamãe, vai ser tão legal.

— Vou aproveitar que o Danilo vai com você e vou ao salão arrumar o cabelo e as unhas.

Ele sorriu parecendo que gostou do que eu disse.

— Então está tudo certo, nós iremos à fazenda do meu primo Kenny andar a cavalo e pescar. O que acha Danilo?

Ele arregalou os olhos, não acreditando que ia a fazenda.

— Eu já fui lá uma vez, no passeio da escola, mas nunca pesquei e nunca andei a cavalo. Eu até tentei montar em um pequenininho, mas ele saiu correndo, aí eu caí no chão — Danilo contou como se recordasse o momento.

— É por isso que dessa vez você vai ficar longe dos cavalos quando estiver sozinho, entendeu? Qualquer reclamação do Guilherme, você ficará de castigo novamente, dessa vez sem televisão — disse de forma mansa.

Danilo juntou as mãos e jurou, me fazendo sorrir.

Era um traquino mesmo.

— Vá pegar a sua mochila, coloquei uma roupa extra, seu boné e o seu lanche.

Danilo entrou, me deixando a sós com o Guilherme.

— Não precisa de lanches, na fazenda tem muita coisa, além das frutas das árvores. Não se preocupa que ele não vai subir nas árvores — disse apontando para o Danilo, quando ele voltou com a mochila. Antes de ele colocar nas costas, tirei o sanduíche.

— Você se comporta, hein Danilo. E obedeça ao Guilherme.

Ele balançou a cabeça.

— Tchau mamãe.

Abraçamo-nos, beijei sua cabeça, me sentindo feliz por ele ir se divertir.

Danilo foi em direção ao carro do Guilherme, enquanto ele ficou olhando para mim. Eu fiquei sem palavras. Mas precisava agradecer mais uma vez.

— Mais uma vez, te agradeço. Eu sei que você não quer mais que eu agradeça, mas é impossível. Espero que o passeio seja maravilhoso e que vocês de divirtam.

Seu sorriso tímido apareceu nos lábios.

— Na próxima vez você virá conosco, e eu não vou aceitar um não como resposta. Agora, deixe-me ir senão o Fred começa a latir. — Guilherme abaixou o rosto e beijou minha bochecha.

Tive que disfarçar o formigamento que me deu rapidamente.

— Até mais, Heloísa.

— Até mais, Guilherme.

Ele deu as costas, entrando no carro. Danilo estava na janela dando tchau para mim. Emocionada, eu acenei para o meu filho, vendo o quanto ele estava feliz. Uma última olhada para o Guilherme, para ele saber o quanto ele estava me fazendo feliz, mesmo que ele não soubesse diretamente. Fiquei fora até o carro sumir na estrada.

Com um suspiro emocionado, entrei em casa, agradecendo baixinho por aquele homem ter aparecido e virado amigo do meu filho.



GUILHERME

— Tio Gui, o senhor tem namorada? — Danilo, olhando para mim, perguntou.

Se eu não tivesse concentrado na direção, com certeza teria falhado na curva que acabei de fazer para entrar na fazenda do meu primo Kenny.

Aquele menino tinha cada pergunta! A primeira foi se eu tinha filhos, quando disse que não, ele perguntou o porquê. Mudei de assunto dizendo que Fred estava com sono e precisava de silêncio para dormir. Ainda bem que ele não insistiu.

Estacionei meu carro e, em seguida, abri a porta para Danilo e Fred saírem. Assim que o cachorro desceu do carro, foi logo correndo na

direção dos outros cachorros da fazenda. Ainda bem que eles se conheciam desde novinhos, senão seria uma brigalhada doida entre eles.

Assim que caminhamos em direção à entrada, avistei Liliana, a empregada da casa, voltando da horta com a cesta cheia de legumes. Quando me viu, sorriu alegre, mas seus olhos eram questionadores quando olhou para o Danilo ao meu lado, segurando seu boné na mão. Teria que explicar muita coisa, eu sabia que seria vítima de piada engraçada pelo tempo que ficaria ali.

— Bom dia Liliana — disse, me aproximando dela.

— Quando Kenny avisou que vocês viriam, achei que fosse mais tarde. Bom dia Guilherme. Oi Danilo, tudo bem?

— Tudo sim tia. Sabia que eu vou pescar? Se eu pegar um peixe grande, vou te dar pra você cozinhar para gente.

Liliana me olhou, mas evitou perguntar algo perto do garoto.

— Vamos entrando, seu Kenny já deve ter acordado.

Acompanhamos a Liliana e entramos na casa, o lugar era enorme. Não sei como o meu primo aguentava viver ali sem sair para outro canto, vivia enclausurado ali dentro. Por falar nele, ouvi a voz dele vindo da sala, ele falava ao celular com alguém e parecia não estar de bom humor. Olhei para a empregada e ela entendeu e chamou o Danilo.

— Venha comigo, Danilo, preciso te mostrar as árvores que vocês plantaram quando vieram visitar a fazenda naquela vez, elas já cresceram um pouco. Depois você volta aqui para a sala.

Danilo olhou para mim e, eu balancei a cabeça dando autorização para ele ir com ela. Segui para a sala onde o meu primo mal-humorado estava.

— Bom dia. Já vi que acordou em um péssimo humor.

Ele me olhou, sentando na poltrona ao lado.

— E você todo animadinho dando uma de pai do filho da diretora do colégio. Quando me ligou ontem, quase não acreditei no que eu tinha ouvido. Quem diria? Guilherme Alencastro fazendo uma boa ação para uma criança órfã de pai vivo. Tenho certeza que você quer a mãe dele em sua cama.

Encarei-o de cara feia.

— Nem todo mundo tem o coração feito de pedra que nem o seu, Kenny. Eu me pus no lugar do garoto, você sabe que o meu pai era ausente, e sempre mentia dizendo que ia me ver aos finais de semana, mas já tinha era outra família. Eu só não quis que ele sofresse mais do que já sofre, é uma criança apenas. — Tentei me defender.

— Que lindo, soou tão altruísta — disse ele debochando do meu ato de bondade.

— Foda-se você — retruquei e me levantei. — Mas falando sério cara, eu gosto do garoto, ele é muito esperto e me lembra muito eu quando era criança. Só que também tem o fato da mãe dele, ela é linda — disse abobalhado.

— Linda ela não é, as roupas que ela usa não ajuda e aqueles óculos enormes também não. Mas é uma mulher simpática. — Seu sorriso era cínico quando me olhou.

— Não tenho culpa se você não gosta da fruta e fica pondo defeitos nas mulheres. Heloísa é uma mulher linda sim, suas roupas largas, ou seus óculos grandes, não definem a sua beleza porque ela é uma ótima mãe e uma grande mulher.

A gargalhada que ele deu... aposto que foi ouvida na cidade vizinha.

— Você está apaixonado, seu idiota, e ainda não se deu conta — ele afirmou.

— Já disse que estou fazendo isso pelo garoto, mas não nego que a mãe dela mexe comigo. Só que eu nunca tive um relacionamento com ninguém, imagina com alguém que tem um filho. Preciso reunir o resto dos caras para um papo sério, vou ligar para o Theo e o Alex para um chope na minha lanchonete, e você não me venha com desculpas, pois foi o primeiro a ser informado.

— Você está fodido, meu primo, e os outros vão dizer a mesma coisa. Agora vamos pescar e parar de falar de mulheres e filhos, esses dois assuntos não se encaixam na minha vida. — Ele se levantou, indo em direção ao quarto onde guardava o material de pesca.

Minutos depois, saímos da fazenda. Kenny foi pegar o Jeep, pois o lago era longe da fazenda. Danilo chegou todo suado e com o rosto corado de tanto correr com Fred.

— Tio Gui, o Fred fez cocô perto das vacas, ainda bem que saímos correndo antes que uma delas corresse atrás da gente — disse baixo como se fosse um segredo.

— Oi tio Kenny.

— Oi garoto, não apronte nada — Kenny disse.

Passei as mãos na cabeça do Danilo, sorrindo para descontrair. Danilo pegou na minha mão, me fazendo prestar atenção nele.

— Acho que o tio Kenny não gosta de crianças — disse bem baixinho.

— Na verdade, eu até gosto, mas elas lá na casa delas, e eu na minha. — Seu comentário saiu de forma seca. Era inacreditável como ele nunca pensava antes de falar.

— Kenny é um bobo — disse piscando para Danilo

— Eu ouvi isso — Kenny disse, passando na nossa frente.

Assim que chegamos ao lugar, Kenny estacionou o Jeep. Eu ajudei Danilo a descer e, após, peguei o isopor com as coisas de pesca. Andamos um pouco até chegar à margem do lago, a vista era linda com tantos pássaros voando no céu e uma imensa área de mata verde ao nosso redor. Fred correu quando viu alguns passarinhos nos galhos das árvores baixas. Deixei o balde no chão com as comidas para os peixes. Kenny, com as duas mãos na cintura, começou a admirar a vista. Ele herdou a fazenda e, desde o momento que herdou, ele nunca descuidou do lugar.

— Caramba tio Gui, olha o tamanho desse mar — Danilo disse, arrancando uma gargalhada minha e do Kenny.

— Isso é um lago garoto, mar não tem fim. Nunca viu o mar?

Ele negou.

— Um dia, quem sabe, você não possa ir ver o mar, mas agora vamos pescar. Venha Danilo, vou te ensinar.

O garoto veio correndo na minha direção, sorrindo.

Danilo já estava posto em seu lugar, esperando o peixe morder a isca. Eu fiquei parado perto dele para o caso de ele não conseguir puxar a linha. De longe, Fred latia.

— Esse cachorro não sossega — Kenny reclamou das latidas do Fred.

— Tio Gui, eu peguei um peixe, olha só, ele comeu a isca.

— Isso aí garoto. Puxa.

— Caramba, garoto, esse é dos grandes. Deixa eu te ajudar.

Puxei a linha e o peixe veio pulando, era grande, com certeza daria um ótimo assado. Coloquei dentro do isopor, admirado com o tamanho do peixe. Kenny pegou outro, mas foi menor, então devolveu ao lago. Aproveitei que estava calor e tomei um banho no lago. Danilo não quis; com certeza o garoto tinha medo de entrar no lago. Ajudei Danilo a pegar algumas frutas no pé, em seguida fomos para a fazenda.

Do lado de fora, comecei a limpar o peixe, em seguida, fiz o fogo enquanto Liliana trazia a panela do arroz. Admirei-me que Kenny comeu conosco, mas ele não perdia tempo para me zoar, porque me preocupei tirando a parte da espinha antes de entregar o pedaço de peixe para o Danilo. Com certeza a minha vez iria chegar e eu não perderia tempo em devolver a mesma piada que ele fez comigo.



HELOISA

Três semanas se passaram desde que o Danilo foi para a fazenda do Kenny a passeio com o Guilherme, ele passou uma semana falando do enorme peixe que pegou, fez até o Guilherme me enviar a foto dele com o peixe. Claro que ele me fez revelar a imagem e pôr em um porta-retratos, que ele pôs em seu quarto, todo orgulhoso.

Todas as manhãs, quando ia acordá-lo, ele olhava a foto, pois Guilherme estava junto com ele.

A última vez que nos vimos, foi na missa de domingo. Guilherme estava junto com o Alex e, quando me viu sem óculos e com roupas do meu tamanho, esboçou um pequeno sorriso. Não me passou

despercebido Alicia dando língua para o Danilo e ele retribuindo. Alex, desconfiado, pediu desculpas pela filha, fiz o mesmo pelo Danilo. Na verdade, ela estava com ciúmes porque Guilherme e Danilo viraram amigos.

Após a missa, Danilo correu na direção do Gui e, eu tive que ir atrás dele. Após conversamos um pouco, ficou acertado de irmos à lanchonete qualquer dia.

No dia seguinte já seria o arraial do colégio, professora Mariana, que tinha ensaiado com eles, disse que todos estavam prontos. Cada aluno já estava com a sua roupa de dançar quadrilha, os pais nos ajudaram com a arrumação e alguns deles ficariam nas barracas. Tinha certeza que a festa seria muito prazerosa. Kenny doou milho verde para vender, queijos e leites para o mingau. Era certo que tinha dedo do Guilherme no meio, já que ele viu que estávamos fazendo bingo para comprar os ingredientes para a pamonha.

Depois do banho, fui conferir se Danilo já estava dormindo, em seguida, fui para o meu quarto, já me deitando na minha cama por sentir o peso do cansaço me pegar.

∞ ∞ ∞

Ouvi o galo da dona Violeta cantando e supus que já tinha amanhecido. Espreguicei-me, levantando. O cansaço do meu corpo tinha

desaparecido.

Primeiro decidi tomar um banho, para depois descer para acordar o Danilo. Com certeza, ele estaria eufórico por conta da festa junina no colégio.

Contemplei meu rosto no espelho e sorri animada. Durante quase dois anos em São José, eu nunca tinha tomado a decisão radical de mudar, mas nessa vida temos que evoluir. Na escola foi tão engraçado quando cheguei de visual novo, os professores ficaram espantados, mas logo me elogiaram dizendo que eu estava linda, até o professor de Educação Física me olhou com admiração.

De banho tomado, desci vestida em um roupão. Passei no quarto de Danilo, ele estava acordado, sentado no chão brincando com o seu carrinho de controle remoto.

— Bom dia filho, já escovou os dentes? — disse antes de beijar a testa dele.

— Já, só não tomei banho ainda, estou esperando a vontade chegar — disse sério, me fazendo rir.

Abri a janela do seu quarto deixando o ar entrar no ambiente.

— Então já que a vontade não chega, vá assim mesmo; vou aproveitar e ir até a padaria comprar pão quentinho. Vê se não demora

nesse banho, viu seu Danilo?

— Sim mamãe — respondeu já dentro do banheiro.

Vesti um vestido básico, preendi os meus cabelos e saí para ir até a padaria. Não era muito longe, então decidi ir a pé mesmo. Seu Nonato fazia um pão caseiro que era uma delícia. Entrei no ambiente e um latido me fez virar para saber de onde vinha, era Fred do lado de fora com Guilherme segurando a sua coleira; fiquei na dúvida se o cachorro latiu porque me viu, deve ter me reconhecido.

Peguei o pão no balcão e paguei, saindo em seguida.

— Bom dia Heloísa. — Guilherme tinha parado para falar comigo, estava de óculos escuros e todo suado.

— Bom dia Guilherme. Não acredito que Fred me reconheceu, ou ele latiu para algum bicho na rua? — perguntei abobalhada.

— Tenho certeza que ele reconheceu você sim. Estava correndo e, de repente, ele parou. Ainda tentei puxá-lo, mas nada o fez sair do lugar. Esse cachorro só faz o que quer – disse sorrindo.

— Ele é muito esperto mesmo. Agora me deixa ir, deixei o Danilo no banho e a minha mãe não está em casa... Já sabe né? O garoto é bem arteiro. A última vez, ele colocou todo o xampu dentro da banheira e

foi espuma para tudo que é canto, tivemos que trocar o guarda-roupa do quarto dele porque estragou.

— É inacreditável! Se fosse outra pessoa me contando eu não acreditaria, mas como é você e sei que não mente, eu acredito piamente. Danilo é um verdadeiro mini terrorista — disse sorrindo, mas de repente ficou sério. Suspirou antes de falar: — Eu gosto muito do garoto, ele me lembra muito eu quando tinha essa idade, mas nunca tive um estilingue e é isso que diferencia a nossa história.

Sorri pela admiração que ele tinha com o meu filho.

— Pode apostar que ele gosta muito de você. Se dependesse dele, todo dia iria à lanchonete, ou na sua casa para ver o Fred. Ontem mesmo estava me aperreando por isso, mas claro que eu não iria te atrapalhar levando ele até a sua casa.

— Não atrapalha em nada, Heloísa. Querendo, é só aparecer, mas avisa antes para eu arrumar a bagunça que esse mini terrorista faz.

Fred reclamou do apelido, rosnando.

— Tudo bem. Até mais.

— Até mais tarde no arraial do colégio. — Sorriu, correndo em seguida.

Comecei a andar na direção de casa, vi a dona Violeta do portão e apressei os meus passos.

Será que o Danilo tinha aprontado?

— Bom dia dona Violeta. Aconteceu alguma coisa? — Já estava nervosa.

— Bom dia minha filha, não aconteceu nada não. Apenas vim aqui para você me emprestar um pouco daquele xarope. Ruy está tossindo muito, mas o teimoso não quer ir até o posto de saúde. Bati palmas, mas ninguém respondeu, então fiquei esperando.

Senti um alívio enorme por ser apenas o xarope.

— Entra, vou pegar. E não precisa devolver, quando for à cidade, compro outro.

Entreguei o xarope para ela, que saiu me agradecendo. Chamei Danilo e ele desceu com os cabelos penteados.

— Tinha alguém batendo palmas, mas eu estava no banho, ou seja, eu estava pelado, não poderia sair para atender.

Balancei a cabeça, desacreditada das palavras daquele menino. Tomamos nosso café e Danilo não parava de dizer que teria que dançar com Alicia logo mais a noite, que ela pisava no pé dele de propósito, e também que ela era chata, encrunqueira e feia.

A garota não era nada daquilo, aliás, era uma boneca de tão linda. Aquilo era implicância dos dois. Tanto ele quanto ela viviam de birra, e a coisa complicou mais um pouco quando Danilo virou amigo do Guilherme.

Danilo foi assistir desenhos enquanto eu fui lavar as louças do café. Como sobrou muita comida da janta, resolvi apenas esquentar para o almoço. Resolvi também trabalhar um pouco em casa.

Quando deu por voltas das cinco da tarde, minha mãe chegou toda animada, parecendo o Danilo.

Em meia hora, estávamos todos arrumados. Danilo, com o seu chapéu de palha e roupa de caipira, estava tão lindo que os meus olhos lacrimejaram. Eu também não poderia deixar de ir a caráter, usava um vestido de caipira todo florido.

Às dezoito horas, estacionei o carro no estacionamento do colégio. A música estava bastante alegre e as crianças corriam de um lado para o outro, divertindo-se. Os pais, que se responsabilizaram, já estavam nas barracas de comida e, graças a Deus, estava vendendo muito.

— Tio Gui. — Danilo correu na direção do Guilherme.

Ainda bem que eu estava de sapatilhas, porque se tivesse de saltos eu teria me desequilibrado e caído.

Guilherme não tirava os olhos de mim um minuto sequer. Com certeza o primo, Alex, percebeu, pois sorriu tocando no ombro dele e foi em direção a pescaria. Ele levou Alicia para ir brincar enquanto Guilherme se aproximava de mim, com Danilo segurando a sua mão. Parecíamos uma família, estávamos até combinando no tom das roupas.

— Você está linda, bem que Danilo disse.

Como assim Danilo disse? Não deu nem tempo dos dois conversarem. Fiquei sem entender.

— Desculpe-me te dizer isso agora, mas o pestinha mandou uma mensagem do seu celular dizendo: “Eu estou linda”, só notei que a mensagem não era sua porque, ao invés da letra N, ele pôs o M na palavra linda.

Era inacreditável o que eu tinha acabado de ouvir, meu filho servindo de cupido para Guilherme e eu!

Deixa só chegar em casa, vai ficar de castigo até o fim do mês. Pensando bem, até o final do ano.

— Em casa conversaremos, agora já está na hora de você ir até a professora Mariana, ela já está chamando para se reunir para a dança. Se comporte e respeite a sua amiguinha, não implique com ela, porque o senhor já está bem encrencado por hoje. Estamos entendidos?

— Sim mamãe. — Ele foi de cara fechada.

Ainda estava sem acreditar no que ele tinha aprontado.

— Desculpe Heloísa, é que eu achei que você soubesse da mensagem — Guilherme disse com pesar, era certo que estava com pena do Danilo.

— Não se preocupe, hoje é dia de festa. Vou ali na barraca do suco tomar um copo para relaxar.

— Vou com você, e pode deixar que eu pago. — disse ele, colocando a mão nas minhas costas para me guiar entre as pessoas, que toda hora parava para falar comigo, elogiando a festa e toda a organização.

Sentamo-nos em uma mesa junto com Alex, ele admirava a filha. Ela e Danilo dançaram direitinho, não implicaram um com o outro.

Um tempo depois, nós comemos e bebemos, Danilo pescou vários brindes na pescaria, no tiro ao alvo Guilherme ganhou um urso e me deu, fazendo meu coração disparar com a sua gentileza.

Era quase 21 horas quando saímos da festa, ainda tive que ajudar a conferir toda renda da festa e foi mais do que imaginávamos. Com certeza, iríamos poder dar início à reforma da quadra da escola.

Ao chegar ao pátio, deparei-me com Guilherme. Imaginei que ele tivesse ido embora com Alex, mas ele estava me esperando.

— Vamos pessoal? Estou tão cansada, com certeza amanhã nem irei levantar da cama.

— Tem que levantar sim, eu convidei o Guilherme para almoçar conosco amanhã. Estávamos conversando, ele disse que manda bem no churrasco e como a nossa churrasqueira nunca foi usada, eu o convidei para estreá-la. Agora vamos, porque amanhã cedinho eu e Danilo vamos ao mercado comprar as carnes — minha mãe disse, seguindo para o carro.

Olhei para Guilherme, ele ficou sem jeito.

— Eu não tive como dizer não, ela mãe me ameaçou — disse sem graça.

— Ameaçou como?

— Ela disse que se eu não fosse ao almoço, ela iria dizer que comeu sanduíche estragado na minha lanchonete. Mas eu sei que ela está brincando. Ou não?

— Claro que ela está seu bobo. Mamãe não faz mal a uma mosca, imagina a você.

— Ufa, que alívio! Até amanhã, Heloísa.

— Até amanhã, Guilherme.



GUILHERME

Não sei por que eu estava nervoso, era apenas um almoço e estava me comportando como se eu fosse me casar. O que era mais estranho era que eu nunca me imaginei casando.

Já tinha acordado tinha mais de duas horas, tinha tomado meu café, aproveitei e temperei um pouco de carne para fazer hambúrguer assado. Na hora em que estava temperando, lembrei-me da conversa que tive com os meus primos, marquei na minha lanchonete depois do expediente, pois tinha comprando uma caixa de cerveja, eu queria me aconselhar com eles, mas fui alvo de piadas por parte deles a conversa toda. Todos tinham rabo preso com mulher, mas, mesmo assim, eles me zoaram.

Theodoro disse que eu tomei no cu, definitivamente, por me apaixonar pela diretora do colégio, que tinha um filho que era pior que o garoto do filme *Dennis, O Pimentinha*. Em seguida, foi à vez do Kenny de soltar as suas grosserias para o meu lado. Ele estava puto porque eu tinha demorado a entregar a carta que a Liliana tinha deixado comigo. E eu lá ia saber que a carta se tratava do sumiço dela, deixando uma criança para ele criar?

Bem feito pra cara dele, ela fez foi pouco, o filho tinha que ser gêmeos, porque só um era pouco demais pra aquele filho da puta de coração de pedra criar. O único a me dar apoio foi Alex, porque ele também estava na mesma situação que eu. Se bem que a dele era pior que a minha; o cara foi se apaixonar por uma mulher que já sofrera violência doméstica — não deve ser fácil. Tinha certeza que se o diabo não tivesse levado aquele filho da puta para o inferno, Alex o mandaria na mesma hora que o encontrasse.

Mas voltando a minha situação, os três disseram na minha cara que eu estava fodido, porém, depois de quase uma hora me xingando, eles me deram apoio. Disseram que se o Danilo me acertasse a cabeça com o estilingue, quem sabe eu não voltasse ao normal e fosse o Guilherme de antes.

Entretanto, a verdade era que eu não queria voltar ao normal. Heloísa foi à primeira mulher que me despertou essa vontade de querer namorar, casar e, talvez, ser pai. Contudo, claro que eu também estava ciente de que ela poderia querer apenas a minha amizade, porque eu fazia bem ao filho dela — dei apoio ao menino quando ele estava triste. Na festa, me deu uma imensa vontade de beijá-la, entretanto me contive.

Notei que a dona Margarete queria me aproximar da filha. Até Danilo estava servindo de cupido para nós dois.

Se eu tiver uma brecha no almoço, vou convidá-la para um jantar no melhor restaurante da cidade. Pensei.

Com tudo em ordem, eu peguei o recipiente com as carnes prontas e coloquei no carro. Em seguida, Fred entrou e ficou esperando eu fechar a casa. Depois de quinze minutos, já estava em frente à casa da Heloísa. Saí do carro, bati palma e Danilo veio abrir o portão.

— Oi tio Gui. Você trouxe o Fred, que legal! Entra, a mamãe e a vovó estão nos fundos do quintal. Está tudo pronto para o churrasco. Venha Fred, vou te mostrar o meu pula-pula.

Assim que cheguei aos fundos do quintal, dona Margarete veio me ajudar com o recipiente com as carnes de hambúrguer e a sacola com alguns pães.

— Nossa, Guilherme! Não precisava trazer nada não, filho — dona Margarete disse.

— Eu quero que vocês provem o hambúrguer assado, é uma delícia. Tudo bem, Heloísa? — Notei que ela estava um pouco triste.

O que será que tinha acontecido?

— Está tudo bem sim, Guilherme. — Sua voz saiu baixa.

— Está tudo bem mesmo? — Aproximei-me mais dela.

— Alguns problemas apenas, mas vamos deixar isso pra lá. Vamos cuidar do churrasco, pois eu estou morrendo de fome. Quase não durmo pensando em você. — Seus olhos tão azuis me fitaram. — Quis dizer, no churrasco — consertou a fala.

— Eu quase não durmo pensando em você mesmo — disse sincero.

— Guilherme não diga isso...

— Por que não, se é verdade? Eu não sou mais um adolescente para andar inventando coisas não, Heloísa. Se eu digo que eu quase não dormi pensando em você, é porque é verdade.

— Não quis dizer que você mente, é só que nem nos conhecemos direito. — Seu rosto ruborizou, deixando-a linda.

— Não seja por isso, deixe-me apresentar-me. Meu nome é Guilherme Alencastro, sou dono da lanchonete Delícia's do chefe, tenho 32 anos, nunca me casei, e nem namorei pelo que eu me lembro, mas também não sou virgem. Desde que eu te vi voltando da escola naquele dia, eu fiquei fascinado por você. Eu adoro o seu filho, ele é como se fosse meu, não gosto de vê-lo triste e nem decepcionado. Se você quiser me conhecer mais, é só aceitar jantar comigo no sábado que vem. O que acha?

— Uau! Vovó venha aqui! O tio Gui convidou a mamãe para jantar com ele. Eu posso ir também, tio Gui?

Não teve como segurar a risada. Aquele garoto era muito engraçado.

— Dessa vez não, garotão. É uma conversa de adultos.

— Conversas de adultos são beijos.

— Danilo, que conversa é essa? Quem te falou isso? — Heloísa repreendeu o filho.

— Eu vi no filme mamãe.

— Isso não é conversa para uma criança. Agora vá passear no quintal com o Fred.

— Você vai namorar a minha mãe, tio Guilherme?

— Danilo!

O garoto saiu correndo, Fred foi atrás. Eu comecei a gargalhar, o garoto era uma peste mesmo.

Depois de tudo pronto, começamos a comer. Heloísa estava mais à vontade e alegre. Os hambúrgueres assados não sobraram nem um. Já era quase três da tarde quando me despedi de todos; o pestinha estava dormindo na rede debaixo da árvore, e Fred embaixo roncando. Estava apenas eu e Heloísa conversando e nem vimos às horas passando.

Tomamos umas três cervejas cada um, ela ficava linda corada do sol. Ela me contou um pouco do casamento e da vida que levava em São Paulo com o ex-marido. Não quis entrar muito em detalhes e mudamos de assunto. Ela me perguntou da minha família, claro que eu disse que o meu pai era um irresponsável, por tudo que ele fez conosco, minha mãe morreu quando eu ainda estava na faculdade, e desde lá me cuidei sozinho. Tinha uma irmã mais nova, mas não era próximo dela, porque eu transferi a culpa de tudo que a mãe dela fez com a minha. Mas ela

não tinha culpa alguma, nem mesmo a sua filha, que já tinha 10 anos; mesmo assim, eu não conseguia me aproximar das duas.

Somente o destino ficaria encarregado de nos unir, quem sabe um dia.

Despedi-me da Heloísa, com a certeza de que, no sábado, iríamos à cidade jantar e aproveitar para nos conhecermos melhor. Dei um beijo em seu rosto e entrei em meu carro. Ela acenou e eu dei partida no carro, pegando a estrada.



HELOISA

— Tem certeza que esse vestido não está curto demais não, mamãe? Essa maquiagem e esse penteado que a Andréia fez, ficaram bons mesmo? Estou achando um tanto chamativo.

Minha mãe revirou os olhos.

Eu estava usando um vestido preto colado ao corpo e sapatos de salto.

— Deixa de ser boba Heloísa, você está linda. Guilherme vai babar.

— Por que o tio Gui vai babar na mamãe, vovó? Eca! — Danilo disse do sofá, de olho na televisão, mas os ouvidos estavam na nossa conversa.

Eu estava me arrumando para ir jantar com o Guilherme.

— É uma maneira de dizer que ele vai achar ela linda, Danilo —
mamãe explicou.

— Adultos complicam tudo. Por que a senhora não falou logo que ele ia achar ela bonita, em vez de babar?

Mamãe não aguentou e caiu na gargalhada.

— Eu acho que você *tá* muito bonita, mamãe. Vocês vão para um encontro romântico, né?

Fiquei sem saber o que dizer, não queria dar falsas esperanças para o meu filho.

— Vamos nos conhecer primeiro filho. Mas já somos amigos, é o que importa.

— Tomara que vocês namorem, porque a chata da Alicia disse ontem na escola que o pai dela vai namorar a moça que cuida dela. E eu disse que você também vai namorar o tio Gui, ela saiu mostrando a língua pra mim, dizendo que era mentira. Eu não minto, né mamãe?

Era inacreditável aquela competição dele com Alicia. Mas eram apenas crianças.

Guilherme me enviou uma mensagem informando que já estava chegando. Aconselhei Danilo a ir dormir antes das dez horas, para não

me esperar. Guilherme já estava me esperando do lado de fora. Como estava com tempo de chuva, achei melhor levar um casaco.

Ao sair pelo portão, ele já estava do lado de fora com a porta do carro aberta. Entrei, agradecendo, ele deu a volta e entrou também, ele estava lindo vestido com uma jaqueta preta e calça jeans desbotada, seus cabelos ainda estavam molhados, senti o cheiro do seu perfume quando ele sentou. Colocando a mão no volante, olhou para mim com admiração.

— Você está linda pra caramba, Heloísa. — Seus belos olhos estavam brilhando e fixados em meus lábios.

— Obrigada, você também está maravilhoso. Gostei do cheiro do seu perfume.

— Que bom. Se quiser sentir mais de perto, eu prometo que não vou achar ruim – disse me fazendo sorrir.

Era um brincalhão.

— Adoraria sentir seu cheiro bem de perto, só que se não sairmos agora, iremos chegar tarde. Também pode começar a chover. Então vamos deixar esse negocio de cheiro para depois.

— Tem razão, mas vou me lembrar dessa promessa depois.

Após mais de uma hora, chegamos. O trânsito estava horrível. Paramos em frente ao restaurante italiano *Ragazzo*, era o mais requisitado da cidade. Para falar a verdade, eu nunca tinha ido ali antes, me deu até um frio na barriga. Assim que saímos de dentro do carro, Guilherme entrelaçou sua mão na minha e entramos no restaurante como se fôssemos namorados.

— Boa noite senhor e senhora...?

— Alencastro — Guilherme disse. — Fiz uma reserva em nome de Guilherme Alencastro.

A hostess olhou em sua agenda virtual confirmando a nossa reserva, em seguida nos indicou a nossa mesa. Antes de chegar até a mesa, eu fiquei de olho na decoração do lugar. As paredes eram em um tom de bege e estavam em um bom estado de conservação, no teto tinha os mais luxuosos lustres.

Guilherme puxou a cadeira para mim, me sentei, agradecendo. Eu estava nervosa, mas adorando tudo. Em seguida, ele se sentou ficando de frente para mim. Nossos olhares eram de puro desejo um pelo outro.

Após, ele pediu um vinho ao garçom, que logo saiu nos dando privacidade.

— Gostou do restaurante?

— Simplesmente adorei. Para falar a verdade, eu nunca tinha vindo nesse restaurante. Uma vez viemos comemorar o aniversário da minha mãe, mas fomos ao outro restaurante, o japonês.

— Se eu soubesse que você preferia comida japonesa, tinha reservado lá.

— Não gosto muito, eu fui porque Danilo e minha mãe adoram. Mas prefiro massas mesmo, sou apaixonada pela culinária italiana e os vinhos então... Eu amo.

Guilherme prestava atenção na conversa como se eu tivesse contando a história de um filme romântico, seus olhos até brilhavam.

O garçom serviu o vinho, deixou a garrafa e saiu em seguida. Peguei a taça e levei até os lábios, provando da bebida deliciosa. Fechei os olhos quando o líquido gostoso desceu pela minha garganta, senti o gosto doce invadir meu paladar.

Quando abri os meus olhos, Guilherme estava me encarando com os olhos claros enormes. Sorri sem graça.

De entrada, pedimos peninis com queijo de cabra e tomates grelhados. Era de comer gemendo, mas claro que eu não faria isso. Depois de comer uma garfada e beber mais um pouco do vinho, pedimos o prato principal: espaguete a bolonhesa. Sinceramente, era de comer rezando.

— Tinha até esquecido como o gosto dessa massa é delicioso —
Guilherme disse, limpando a boca com o guardanapo.

Sorri, concordando. A massa estava divina, eu já estava satisfeita.
A garrafa de vinho já estava quase vazia.

O garçom trouxe a conta. Eu queria dividir, mas Guilherme insistiu
em pagar sozinho, alegando que foi ele quem me convidou.

Sáímos do local e tivemos o maior susto, estava chovendo muito.
Por sorte, o manobrista trouxe o guarda-chuva. Já dentro do carro,
esperei Guilherme entrar. Estava trovejando muito, mas nada que
impedia a gente de ir para casa. Guilherme dirigia devagar, prestando
atenção na estrada, apesar de estar vazia. Eu estava com frio.

De repente o carro parou, Guilherme tentou ligar, mas sem
sucesso, ele olhou para mim como se dissesse: *o carro morreu*.

— Não acredito nisso, não tem nem dois meses que mandei o
carro para revisão na oficina do Theodoro. Fique aqui, vou ver o que
aconteceu.

Guilherme tirou a jaqueta e saiu do carro. Se fosse no carro da
minha mãe, teria guarda-chuva, toalhas e, se duvidar, até secador de
cabelo. No entanto carro de homem não tem nada.

Logo Guilherme entrou e, o céu ficou claro com mais relâmpagos. Ele estava todo molhado.

— Descobriu o que aconteceu?

Ele pegou a jaqueta para se enxugar.

— Eu não entendo muito de carros, mas pelo pouco que Theodoro tentou me ensinar, acho que é o motor.

— E agora?

Mais um clarão no céu apareceu e mais chuva caiu.

— Vou ligar para o Theodoro e rezar para que ele esteja acordado, ou sem a Sofia na cama dele. Porque aquele ali só pensa nela.

Pelo visto Theodoro não atendeu. Guilherme deixou mais de três recados. Eu já estava pensando em ligar para a minha mãe, mas desisti para não preocupá-la.

— Pelo visto, vamos ficar preso dentro desse carro — ele disse brincalhão.

— Não está falando sério, né?

Um estouro foi ouvido e tudo escureceu. Com o susto, eu pulei e me sentei no colo do Guilherme, agarrando-o pelo pescoço. Era pra ser algo normal, mas aquele desejo de beijá-lo me tomou por completo.

Passei as mãos em seus cabelos molhados e mirei em seus lábios carnudos vermelhos e completamente deliciosos. Como se já não fosse o bastante eu estar no colo dele, Guilherme passou a língua nos lábios e suas mãos apertaram a minha cintura, trazendo-me mais para frente. Nossos olhares se tornaram um só, era pura luxúria.

Só por aquela noite, eu seria uma mulher ousada.

Levei os meus lábios até os dele e o beijei. Beijei sem pensar em nada e, ele me beijou de volta. Devagar, puxei a minha perna e meu vestido subiu, suas mãos passeavam nas minhas coxas, ora ele apertava, ora acariciava. Particularmente, eu gostei das duas formas, então comecei a rebolar em seu colo, fazendo um vai e vem até sentir seu membro endurecer.

— Heloísa... — Guilherme sussurrou em meu ouvido. — Se não parar de se movimentar dessa forma em meu colo, eu não vou aguentar e vou tirar a sua roupa.

— Eu não vou me importar nem um pouco se você quiser tirar a minha roupa, Guilherme.

Sorrindo, ele abaixou a alça do meu vestido e meus seios ficaram expostos. Joguei a cabeça para trás, gemendo quando ele abocanhou um deles.

Meu corpo ardia de desejo. Entreguei-me completamente para ele.



GUILHERME

Lá fora chovia e ali dentro do carro estava pegando fogo.

Devagar, puxei o vestido da Heloísa pelos braços, revelando seu corpo lindo. Ela desabotoou a minha camisa, tirei e joguei no banco de trás. Heloísa saiu do meu colo, e eu puxei minha calça jeans, dando o mesmo destino que a camisa.

Nós fomos para o banco de trás. Lentamente, começamos a nos amar. Heloísa sussurrava em meu ouvido o quanto estava gostando. Beije seus lábios com todo o meu desejo, em seguida, fui descendo, provando o gosto da sua pele deliciosa. Heloísa tinha um cheiro perfeito que me deixava venerado. Nem vimos quando a chuva parou, só nos

demos contas quando a estrada já estava toda iluminada. Estávamos com as nossas respirações ofegantes.

— Eu não acredito que fizemos isso, Guilherme — Heloísa comentou.

— Se arrependeu?

— Claro que não, é que eu nunca tinha feito sexo com alguém no primeiro encontro.

— Nós temos que marcar outro encontro para desempatar, eu também nunca fiz sexo com alguém no primeiro encontro — disse fazendo-a sorrir.

Ela bateu no meu braço.

— Você é um mentiroso mesmo. Onde já se viu mentir na cara de pau?

— Pau? Você disse pau mesmo?

Heloísa soltou uma gargalhada enquanto eu a puxava para o meu colo. Estávamos nos beijando quando meu celular começou a tocar. Tive que atender, nós estávamos na estrada no meio do nada. Era necessário atender o celular.

Olhei no visor, era Theodoro. Atendi antes que ele desistisse.

— *Até que enfim desocupou o pau, né Theo?*

O cínico sorriu do outro lado da linha.

— *O que a mocinha indefesa quer uma hora dessas? Levou um fora da diretora e estava me ligando para chorar as pitangas? Sinto muito por não atender o celular, meu caro primo, Sofia está aqui em casa, só retornei para não deixá-lo preocupado* – o cínico disse rindo.

— Não desliga seu idiota. Presta atenção antes que a ligação caia, eu estou na estrada, o meu carro parou do nada quando eu estava voltando para casa com Heloísa. Preciso que você venha me buscar, estamos quase perto do posto de gasolina no quilômetro dezoito. — A ligação ficou muda. — Theodoro, você está aí?

— *Estou, mas não devia estar seu pau no cu do caralho, empata foda. Porra Guilherme, a Sofia e eu precisamos conversar. Eu só vim pegar um vinho quando resolvi olhar o celular, que besteira eu fiz.*

Queria gargalhar, mas ele poderia não vir e eu ficaria ali até de manhã com Heloísa.

— A Sofia você conheceu um dia desses, você me conhece desde que eu nasci... Vai me abandonar no meio do nada?

Um suspiro alto foi ouvido, após, ele chamou a Sofia.

— *Em menos de meia hora estarei aí, seu idiota. Queria ter o coração de pedra do Kenny, mas meu coração é bom igual o dono dele. Espero que tenha usado esse tempo livre para agarrar a diretora, para depois não vir pedir conselhos.*

Sorrindo, desliguei o celular.

— Vocês são tão amáveis uns com os outros, a amizade de vocês é linda. Apesar dos xingamentos — Heloísa disse, me fazendo rir.

Ela começou a se vestir, e eu fiquei admirando-a.

— Já vai vestir a roupa, querida? Achei que teríamos um segundo round — disse antes de beijar o seu ombro.

— Seu primo Theodoro pode chegar a qualquer momento, eu não quero ser pega pelada em cima do primo dele. Sou diretora do colégio da cidade. — Suas bochechas ruborizaram.

— Tem razão. Vamos nos ver novamente quando?

— Quem sabe nesse final de semana mesmo. Nós vamos se falando, se você quiser, é claro.

— Claro que eu quero Heloísa. Eu quero muito mais.

Enquanto esperávamos Theodoro com o guincho, ficamos namorando mais um pouco. Eu não me cansava de beijá-la, seus lábios eram deliciosos e viciantes. Nem sei se aguentaria ficar longe deles por muito tempo. Heloísa estava se tornando alguém muito especial na minha vida. Queria que ela soubesse que eu estava apaixonado por ela.

— Aconteceu alguma coisa? De repente você ficou pensativo.

— Eu estou pensando em uma maneira de dizer para uma garota que eu estou me apaixonando por ela, que estou viciado em seus beijos,

e que quando fizemos amor há poucos minutos, foi o melhor de todos que eu já fiz. — Olhei para ela, que estava emocionada.

— Nossa, que garota sortuda! Quem sabe a garota não esteja se apaixonando também... mas ela tem medo.

— Medo de quê? Essa garota é tão forte.

— É que essa garota já foi muito magoada, e teme ser novamente. E agora ela não é mais sozinha — ela disse, deitando a cabeça no meu peito.

— Eu prometo que o garoto não vai magoar a garota, ele só quer uma chance para provar isso. E ele gosta tanto do pestinha do filho dela. E até a mãe dela gosta dele.

Ficamos sorrindo que nem dois bobos, até que Theodoro chegou com cara de poucos amigos. No entanto, quando viu a Heloísa, sorriu de forma educada.

— Cara, a estrada está destruída, muitas árvores caíram. Ainda bem que já estão removendo os troncos da estrada, foi muita chuva que caiu e ainda vai cair mais. Vamos logo embora antes que complique mais. Não tem nem dois meses que fiz a revisão do seu carro, e ele já deu problema de novo? Acho melhor você comprar outro — Theodoro disse assim que entrou no caminhão.

— Não senhor, você vai dar um jeito, esse carro é novo.

— Pão duro! — resmungou.

— Quando se tem um primo mecânico, não precisamos comprar carro novo.

— Tem certeza que quer ficar com ele, Heloísa? Ele é muito pão duro.

— Não me faça ficar na dúvida Theodoro, me deixa ir descobrindo aos poucos os defeitos do seu primo. Por enquanto eu estou satisfeita.

Theodoro fez uma expressão engraçada que nos fez sorrir. Era uma expressão de: “Nossa, eu te admiro, mulher!”.

O carro já estava no guincho. Subi no caminhão e, em seguida, puxei a Heloísa, sentando-a perto de mim. Abracei-a e ela deitou a cabeça no meu peito, inalei o seu cheiro, me lembrando dos nossos momentos dentro do meu carro.

A verdade era que eu estava feliz, e eu queria fazer Heloísa e o Danilo felizes. Eu queria formar uma família. A minha volta para a cidade de São José não foi em vão, era ali que estava a felicidade que eu tanto procurei.



HELOISA

Um mês tinha se passado desde o meu encontro com o Guilherme e, desde que ficamos pela primeira vez em seu carro, não nos desgradamos mais. O sentimento que tínhamos um pelo outro foi se tornando cada vez maior, portanto, o pedido de namoro foi inevitável.

Certo dia, Guilherme apareceu em minha casa com um buquê de flores, surpreendendo-me com um pedindo de namoro. Claro que antes ele teve que conversar com o Danilo, pedindo permissão para namorar comigo, é lógico que o meu filho vibrou de felicidade. Minha mãe também ficou muito feliz. A minha vida estava entrando nos eixos, o que me preocupava era que o Dia dos Pais estava chegando e na escola iríamos homenagear os pais. Eu sabia que o Jonas jamais iria; mandou um

presente para o Danilo, que deu o mesmo destino que os outros — Danilo colocou dentro da caixa que ele guardava os presentes que o pai mandava, ele nem fez questão de abrir a embalagem.

Eu estava esperando Danilo tomar a decisão do que iria fazer com os presentes enviados pelo pai. Talvez pudesse ficar ou dar para algumas crianças.

Estávamos em agosto e faltava uma semana para o Dia dos Pais, já programamos as brincadeiras no colégio, muitas crianças levariam as suas mães e, desde que me mudei para São José, eu sempre participei com o Danilo. Mas ele era menor e acreditava que o pai estava trabalhando muito, agora ele já sabia que o pai não ia porque não queria. Ele não era mais tão inocente assim, já entendia um pouco da vida. E isso me deixava muito apreensiva.

O sinal da escola tocou, organizei a minha mesa, desliguei o meu computador, peguei a minha bolsa e saí. Logo avistei Danilo correndo, brincando com as outras crianças no pátio.

Aproximei-me mais dele que, ao me olhar, tirou as mechas loiras de cabelo da testa e parou de correr, indo buscar a sua mochila. Seu Rodolfo abriu o portão, dei boa tarde ao senhor simpático, que retribuiu carinhosamente. Saímos da escola, encontramos Guilherme nos esperando em pé escorado em seu carro. Quando nos viu, sorriu de forma amorosa.

— Tio Gui. — Danilo correu até ele, que pegou Danilo e girou no ar.

Achei a cena tão linda.

— Oi garotão, vim buscar vocês dois para um almoço lá em casa, o que acham?

— Oba! Eu aceito, quero ver o Fred. Nós podemos ir, mamãe?

Guilherme me olhou, aproximou-se e me beijou assim que ficamos um de frente para o outro. Em seguida me abraçou, sussurrando que estava com saudades.

Sorri que nem uma boba.

— Vamos amor, eu fiz uma torta de frango que é a minha especialidade — disse se achando o cozinheiro.

— Primeiro iremos passar em casa para tomar um banho e trocar de roupas. E você, mocinho, irá levar a sua mochila para fazer os seus deveres de casa.

Depois de tudo acertado, passamos primeiro em casa. Enquanto Danilo terminava de se vestir, liguei para minha mãe, avisando que iríamos para a casa do Guilherme almoçar. Dificilmente ela almoçava em casa. Após nós fomos direto para a casa do Guilherme.

Assim que Danilo entrou na casa e avistou Fred deitado no chão, foi em direção ao cachorro, abaixando e fazendo carinho em sua barriga.

O cachorro gostou tanto que ficou quietinho recebendo carinho.

— Fique à vontade, querida, vou esquentar a torta. E Fred, comporte-se. — Antes de ir para a cozinha, Guilherme me beijou. Fred latiu reclamando.

Depois do almoço delicioso, ficamos na sala assistindo a um filme enquanto Danilo brincava com Fred no quintal. Guilherme me puxou mais para perto dele e começou a me beijar, estávamos tão despreocupados namorando no sofá que nem percebemos a chegada de Danilo e Fred, só percebemos quando o cachorro começou a latir.

— Eca! Venha Fred, vou fazer a minha tarefa de casa. Eu nunca vou namorar, tem que beijar na boca e isso é nojento. — Ele saiu resmungando, nos fazendo gargalhar.

— Deixa só ele completar 15 anos, quero ver se ainda vai pensar dessa maneira. O que acha de nós dois, digo eu e você, irmos até o meu quarto? Tenho uma coisa para te mostrar — Guilherme disse, piscando de maneira sexy. Devagar, ele passou a língua nos lábios, deixando-me excitada.

Eu estava quase aceitado, mas lembrei que Danilo era bastante curioso.

— Danilo pode aparecer a qualquer momento e me procurar, acho melhor ficarmos somente nos beijos mesmo. Mas depois do expediente

da lanchonete, você pode aparecer lá em casa. Quem sabe você não dorme por lá, hum?

— Dormir é o que não vamos fazer meu bem, nós vamos fazer amor à noite toda, até o dia amanhecer. Ou podemos ficar trancados o dia todo em seu quarto.

— O que vocês vão fazer até o dia amanhecer, tio Gui? Posso fazer também?

Gui olhou para mim, esperando eu responder a pergunta do Danilo. No entanto não sabia o que dizer então ele começou a sua explicação de forma branda:

— Venha cá, senta aqui.

Danilo se aproximou e se sentou perto dele, atento ao que Guilherme iria dizer.

— Têm coisas que só os adultos fazem garotão, você ainda é criança para entender essas coisas. Na hora certa você vai saber de tudo, não precisa ter pressa para descobrir as coisas. Já fez a sua lição de casa?

Meus olhos estavam cheios d'águas por ver Guilherme conversando tão carinhosamente com o meu filho, e ele compreendendo tudo. Era aquilo que estava faltando em sua vida, uma figura masculina.

— Fiz sim tio Gui. Será que podemos ir pra casa mamãe? Aqui não tem nem videogame. — Meu filho mudava de assunto tão rápido.

— Vamos sim filho, Guilherme precisar ir para a lanchonete e nós temos que fazer a janta para a sua avó.

— Tchau Fred, outro dia eu volto.

O cachorro reclamou, uivando.

— Tchau tio Gui. Quando você for para a minha casa mais tarde, pode levar hambúrguer com batatas fritas?

— Levo sim garotão, pode esperar.

— Oba! Obrigado tio Guilherme.

— Não precisa agradecer, você merece por ser esse garoto inteligente. Apenas obedeça a sua mãe.

Danilo foi buscar a sua mochila enquanto eu e Guilherme nos despedíamos um do outro com muitos beijos e promessas de que nos veríamos mais tarde.



GUILHERME

— Você e Heloísa se conhecem praticamente há um mês e meio, certo?

Confirmei a pergunta do Theodoro.

— E você quer pedir a mão dela em casamento, é isso? — Kenny disse abismado, depois que eu contei que pretendia pedir Heloísa em casamento para ele, Alex e Theodoro.

— Qual é o problema? — Alex questionou, tomando um gole de sua cerveja. Em seguida se aproximou da mesa.

Estávamos bebendo e comendo churrasco na fazenda do Kenny. Era praticamente a noite dos homens. Na verdade, eu que pedi aquele encontro.

Meus primos eram os meus melhores amigos e todas as vezes que eu tinha que tomar uma decisão que envolvia a minha vida amorosa, ou em qualquer outra área, eles sempre eram os primeiros a saberem e a quem eu pedia conselhos. No começo, eles sempre me zoavam, mas era só para torrar a minha paciência, pois me apoiavam sempre.

— Vocês esqueceram que nós estamos na mesma situação? Olha para você, Theodoro, nem levou a Sofia para a cama ainda e já está morrendo de amores por ela — Alex disse, apontando o dedo na cara do Theo, que ficou parado, assimilando o que Alex disse.

— Não levei ainda. Não vou mais contar nada pra você, Alex, depois você fica jogando na minha cara. E você que mais parece um garoto virgem com medo de tocar na Jade. Vocês são todos ridículos — disse, fazendo Kenny soltar uma gargalha.

Logo todos nós começamos a gargalhar.

— Jade é diferente, porra. Você sabe que ela tem traumas, mas eu não me importo de esperar até que ela esteja realmente preparada. Sexo não é tudo em um relacionamento, seu idiota.

— Oh, que fofo! Ele está apaixonado — Theo afirmou, se aproximando e acariciando o rosto do Alex. Era um puto de um palhaço.

— Estou mesmo, admito, estou completamente apaixonado pela Jade. Não sou medroso que nem o Kenny.

— Podem ir parando por aí, eu não dei confiança para vocês falarem de mim ou da Daiana. Minha vida amorosa não está em jogo

aqui. Nos reunimos para falar do Guilherme, não de mim — Kenny disse sério.

— É verdade — concordei.

— Então, o que vocês acham? E se eu pedisse Heloísa em casamento no sábado? Mas antes quero conversar com o Danilo, quero que ele me ajude. Tipo, eu vou à cidade com ele, invento uma desculpa para Heloísa liberar o garoto, e vamos até a joalheria.

— Cara, você gosta mesmo desse menino, não é? Tem todo o meu respeito, meu primo. Eu sou pai e sei o quanto somos gratos quando alguém gosta dos nossos filhos. Eu te dou a minha bênção e o meu apoio, conta comigo sempre. — Alex disse e, em seguida, me puxou para um abraço.

— Eu também estou feliz por você, Gui. Conta comigo pra tudo, irmão. Às vezes eu sou brincalhão, mas jamais deixaria de te apoiar. Se você quer ser padraсто do pestinha, quem sou eu para impedir? — Theo disse, me abraçando.

— Eu também estou feliz. Espero que o pestinha não apronte tanto com você. No que depender de mim, já pode casar. Agora vamos deixar esse negócio de abraços pra lá, vocês parecem frescos. — Kenny, como sempre, quebrou o clima. Mas eu estava me sentindo feliz.

Continuamos a beber e conversar.

Theo, sempre brincalhão, estava gozando com a cara do Kenny sobre ele não gostar de crianças, e agora estava criando o filho que a

empregada deixou na fazenda. Até ele sorriu do comentário, jogando a lata de cerveja na direção do Theo.

Relembramos a nossa infância, quando passávamos as férias na fazenda. Em certo horário, nos despedimos. Cada um entrou em seu carro e saímos da fazenda em direção as nossas casas.

Como já era tarde, resolvi ir para a minha casa. Sempre dormia na casa de Helóisa, só que eu fui beber com os caras e não queria que ela dormisse comigo cheirando a cerveja.

Cheguei à minha casa e o silêncio reinava, Fred se mudou para a casa do Danilo. O menino se apegou muito ao cachorro e eu resolvi deixar Fred com ele. Acontece que Fred também queria ficar com o garoto, todas as vezes que Danilo ia embora com a mãe para a casa deles, Fred ficava triste. Lá tinha quintal grande, onde ele podia correr com o Danilo. As fotos que Danilo me mandava sempre pelo Whatsapp eram as mais engraçadas: ele jogando água com a mangueira no Fred, os dois no pula-pula se divertindo. Foi nesse dia que eu tive a certeza de que queria todos eles na minha vida, mais do que já estavam. Queria dar amor de pai para o Danilo, queria ser um marido maravilhoso para Helóisa... Nunca mais queria ver os dois tristes.

Eu os amava e precisava que eles soubessem disso, por isso levantei da minha cama, tomei um banho, escovei bem os dentes, coloquei uma bala de menta na boca e saí de casa com o coração acelerado, as mãos suando.

Como eu tinha a chave da casa, facilitaria muito.

Logo estacionei o carro e, em seguida, saí abrindo o portão. Devagar, abri a porta, entrando. Fred, deitado na entrada, sentiu minha presença, mas pedi a ele que fizesse silêncio colocando um dedo nos lábios, então ele voltou a dormir. Era um bom cachorro.

Abri a porta do quarto do Danilo, que estava dormindo agarrado ao cachorro de pelúcia, puxei mais o seu cobertor e passei a mãos em seus cabelos. Fechei a porta e fui para o quarto do meu amor, abri devagar e lá estava ela, dormindo tão tranquila... Meu peito transbordou de amor. Fiquei admirando a beleza dela, mas não aguentei ficar quieto por muito tempo.

Tirei as minhas roupas e me deitei ao lado da Heloísa, puxando-a para perto de mim, beijei o seu pescoço e sussurrei que a amava. Senti que ela se assustou e, rapidamente se virou, sorrindo.

— Você disse que me ama, ou eu estava sonhando? — disse com a voz rouca de sono.

— Não estava sonhando, é real. Eu amo você. Eu sei que estamos pouco tempo juntos, mas hoje estava em casa e não consegui dormir pensando em você. Meu peito estava sufocando de saudades. Na verdade, eu nunca senti algo tão forte assim por alguém.

— Eu também te amo, mas eu estou assustada, porque está tudo indo rápido demais. Eu tenho medo — Heloísa sussurrou no meu ouvido, me deixando excitado.

— Não precisa ter medo, não vou te magoar, pode confiar em mim.

Começamos a nos beijar e o clima foi esquentando e, daquela vez, foi diferente. Eu estava amando a minha mulher e ela sabia que eu a amava. E eu era amado de volta.



HELOISA

Abri os meus olhos, imaginando que tinha sonhado com Guilherme chegando à minha casa pela madrugada, mas não foi um sonho, ele estava na minha cama dormindo tranquilamente. Ele tinha dito que me amava, era real, se eu fechasse os meus olhos ainda dava para ouvir a sua declaração.

Fiquei em silêncio uns minutos, tentando assimilar tudo.

As coisas na minha vida nunca foram dessa forma tão romântica. Ser surpreendida daquela forma nunca havia acontecido, as coisas com Jonas eram mornas. Espantei os pensamentos negativos e olhei para o Guilherme deitado. Aproveitei e fiquei admirando a sua beleza, seu corpo era perfeito, os músculos estavam em seus devidos lugares, seus

cabelos claros estavam caídos em sua testa, seu peito subia e descia serenamente, seus lábios entreabertos eram um convite para um beijo; e foi o que eu fiz. Sem pudor algum, me aproximei e comecei a beijar a sua boca, senti quando ele despertou e foi logo me beijando, sua língua tocou na minha, suas mãos agarraram a minha cintura me puxando para cima dele. Em seguida, tocou meus seios, me fazendo gemer em antecipação.

Daquela vez foi diferente das primeiras vezes, pois havíamos nos declarados um para o outro, e fazer amor ficou ainda mais prazeroso.

Senti o desejo me consumir quando senti sua língua rodear um dos meus mamilos, acelerei os movimentos enquanto Guilherme me puxava para um beijo, senti o orgasmo se aproximando, e logo estávamos ofegantes sorrindo um para o outro. Olhando-me nos olhos, ele disse novamente que me amava, eu retribuí da mesma forma com o sorriso largo e o peito quase explodindo de amor.

— Bom dia meu anjo — ele disse sorrindo largamente.

Fiquei boba pela forma como ele se referiu a mim.

— Bom dia meu amor. Dormiu bem? — Beije seus lábios.

Guilherme rolou na cama, sentando logo em seguida. Passou as mãos nos cabelos, ajeitando alguns fios que caíram em sua testa, depois me olhou de forma apaixonada, sorriu sem jeito. Eu amava o seu jeito

tímido, confesso que gostava muito quando ele ficava daquela forma comigo.

— Eu dormir maravilhosamente bem. Confesso que nunca fui acordado dessa forma antes. Acho que me acostumaria fácil com essa vida. Vamos tomar um banho? — Piscou e eu sorri.

Fomos para o banho, demoramos mais do que o esperado, porque fizemos amor debaixo do chuveiro. Guilherme sempre se preocupava com o meu prazer em primeiro lugar, uma coisa a qual eu não estava acostumada, mas estava adorando como ele estava me tratando.

Depois do banho, nós fomos para a cozinha. Deixei Guilherme preparando o café da manhã e fui acordar o Danilo. Minha mãe já estava no banho quando passei no quarto dela. Aproveitei e peguei as roupas sujas e coloquei na máquina de lavar. Como era sábado, praticamente não fazíamos muita coisa, era o nosso dia do descanso.

— Bom dia tio Gui, eu nem sabia que você tinha chegado — Danilo disse, sentando em seu lugar na mesa.

— Bom dia garoto. Fiz panquecas e elas estão deliciosas. Você será o primeiro a provar — Guilherme disse, colocando uma panqueca no prato do meu filho.

Danilo jogou mel por cima.

— Estão deliciosas mesmo tio Gui. Será que você poderia fazer um hambúrguer com batatas fritas? — Ele nem tinha acabado o café ainda.

— Mais tarde eu faço, agora é hora do café da manhã.

— Tudo bem então. Mas você prometeu hein tio Gui, não se esqueça de cumprir. — Danilo realmente não existia.

— Bom dia pessoal. Que cheirinho delicioso — mamãe comentou enquanto colocava café em sua xícara.

— Bom dia dona Margarete.

— Tio Gui fez panquecas vovó, e mais tarde vai fazer hambúrguer. Ele que prometeu.

— Se ele prometeu, ele vai ter que cumprir. Agora vamos comer — mamãe disse, sentando a mesa conosco.

Assim que terminamos o café da manhã, fiquei na cozinha para lavar os copos, minha mãe foi olhar as roupas na máquina de lavar. Guilherme e Danilo conversavam na sala animadamente. Só ouvi quando Danilo vibrou de alegria, o porquê eu não sabia. Mas eles estavam muito misteriosos.

Quando terminei de lavar a louça, entrei na sala. Danilo foi para o quintal com o Fred, eu e Guilherme ficamos sentados no sofá assistindo o noticiário na TV.

— Amor, depois do almoço eu tenho que ir até a cidade pegar uma encomenda para a lanchonete, pois hoje Alex não está trabalhando. Se

eu deixar pra segunda-feira, eu corro o risco de perder. Eu queria levar o Danilo comigo, o que acha?

— Tem certeza que quer levar o Danilo com você? Ele não vai te atrapalhar?

— Que nada, vai ser rápido. É para ele sair um pouco de casa.

— Já te disse o quanto eu te amo hoje? Adoro quando você se preocupa com o meu filho. Está tudo bem, eu deixo Danilo ir com você, mas caso ele apronte algo, é para me falar. Vou aproveitar e arrumar o armário dele, tirar algumas roupas que ele não usa mais para doar; o padre Estevão está arrecadando doações para as crianças do orfanato.

— Vou passar em casa para trocar de roupa. Depois do almoço venho buscá-lo.

— Achei que ia almoçar conosco — reclamei.

— Não fique assim, à noite jantamos juntos — disse, me beijando.

Logo se levantou para ir, fui até o lado de fora para me despedir. Algumas vizinhas estavam varrendo a calçada de suas casas, outras estavam apenas tomando conta da vida alheia mesmo.

Cidade pequena é assim, todo mundo sabe da vida de todo mundo.

Quando eu cheguei ali, ha dois anos, eu era a separada com um filho para criar sozinha.

Depois que Guilherme saiu, voltei para dentro de casa. Deixei separada a roupa que Danilo iria usar mais tarde. Peguei a mochila dele e de dentro dela caiu um pedaço de papel. Resgatei para ver o que era.

Querido Deus, será que o senhor pode fazer o meu tio Gui se casar com a minha mamãe? Eu acho que ela gosta dele, porque sempre sorri quando o vê na rua correndo. Então se ele faz ela sorrir, faça com que eles se casem logo, aí ele vai ser meu pai, e assim poderei levar ele nas festas dos dias dos pais na escola. Eu fiz essa cartinha porque Alicia disse que o senhor saber ler. Quando eu for na missa de domingo, deixarei a carta lá para o senhor. Amém, Danilo.

Limpei as lágrimas grossas que caíram pelo meu rosto, e sorri por alguns instantes. Apesar dos erros de português, eu entendi direito o que ele escrevera. Deixei a carta no lugar que encontrei, era apenas um desejo de uma criança que queria um pai. Eu não iria brigar com ele.

Eu só desejava que o meu filho fosse feliz.



GUILHERME

— Nossa tio Gui, esse shopping é tão grande! Quando a mamãe e eu viemos ao cinema assistir ao filme da Liga da Justiça, não foi nesse não. Eu acho que nunca vim aqui antes. É aqui que está a aliança de vocês?

O garoto era muito curioso.

Quando ficamos na sala sozinhos, depois do café, eu convidei Danilo para me ajudar a escolher as alianças do casamento, disse que se ele me desse à mão da mãe dele em casamento, íamos a cidade comprar as alianças e ele iria escolher. Só não entendi quando ele comentou que nem tinha entregado a cartinha na igreja ainda e Deus já tinha lido.

Deixei o assunto para depois.

— Sim, estamos indo na joalheria. Pegou o anel de sua mãe para medir o tamanho da aliança dela?

Todo contente, ele tirou o anel do bolso e me entregou.

— Esse é o anel que ela mais usa quando sai. Eu e vovó que compramos para ela no dia do aniversário dela. Eu sou muito esperto, né tio Gui?

— Muito esperto. Espero que você tenha guardado nosso segredo — disse olhando para ele, que me encarou todo convencido.

— Eu só contei para o Fred, e pedi que ele guardasse segredo. Não se preocupe tio Gui, ele não vai contar nada.

— Se você está dizendo, eu acredito. Aquela ali é a loja — disse, apontando.

Entramos na loja e logo uma vendedora veio nos atender.

— Boa tarde, sejam bem-vindos. Em que posso lhe ajudar senhor?

— O tio Gui veio comprar alianças. Sabia que ele vai pedir a minha mãe em casamento?

A vendedora apertou as bochechas do Danilo, dizendo que a mãe dele tinha muita sorte. E olhou para mim, sorrindo.

— Então vocês vieram ao lugar certo, nós temos os melhores modelos de alianças, uns mais lindos que os outros. Temos com pedras preciosas, e temos sem também. O senhor tem alguma preferência?

— Gostaria de ver os modelos.

— Certo, venha comigo.

Em instantes, a vendedora trouxe os modelos das alianças, todas eram muito bonitas. Danilo estava encantado com todas; os olhos curiosos dele vagavam de um lado para o outro.

— Minha mamãe ia adorar essa daqui, sabia? Ela gosta de pedras.

A aliança era bonita mesmo, tinha uma pedrinha Swarovski muito delicada, o garoto tinha bom gosto para escolher algo. Eu também gostei, então comprei. Por sorte, tinha o modelo no tamanho do dedo da Heloísa. Fiz o pagamento e saímos da loja.

— Quer milk-shake?

— Sim, de morango é o meu preferido.

Quando terminamos os nossos lanches, voltamos para a cidade de São José.

Naquele mesmo dia, pediria a mão da Heloísa em casamento na minha lanchonete. Queria que as pessoas fossem testemunhas do nosso amor.

Danilo estava mais eufórico do que eu.

— Se você casar com a minha mãe mesmo, tio Guilherme, o senhor vai ser o meu pai, né?

Ainda bem que nem tinha ligado o carro.

— Se você quiser que eu seja... Mas você sabe que você tem um pai, não é?

— Eu sei, mas quero que você seja meu pai também. Quando tiver a festinha na escola, eu vou poder te levar. Meu pai nunca vem — ele disse muito convicto.

— Tudo bem então.

Ele sorriu, me abraçando. Beijei o topo de sua cabeça.

Eu amava aquele garoto como se fosse meu filho.

Chegamos à cidade por volta das cinco da tarde. Antes de deixar o Danilo em casa, conversei com ele mais uma vez sobre o nosso segredo, ele continuou firme em não contar nada pra mãe.

Quando abri a porta do carro, Heloísa estava parada em frente ao portão, de braços cruzados. Assim que nos viu, sorriu.

Danilo desceu do carro e foi logo contando que tomamos milkshake. Fiquei apreensivo com o seu entusiasmo, de repente ele poderia

soltar sem querer o nosso segredo, porque tudo que ele fazia era sem querer, querendo.

— Ele deu trabalho, amor? — depois de me beijar, Heloísa perguntou.

— Não, o garoto se comportou direitinho, nada a reclamar. Já pode me acompanhar sempre que eu for à cidade.

— A moça da venda sorriu para o tio Gui, mamãe. Eu percebi que ela o achou bonito. — O pestinha comentou, arrancando uma gargalhada minha.

Heloísa me fulminou com o olhar.

— A moça estava apenas sendo simpática, garoto. Não inventa.

— E ainda apertou as minhas bochechas, quase eu reclamo — comentou como se fosse algo importante. — Agora eu vou me encontrar com o Fred. Tchau tio Gui, mais tarde nós vamos a sua lanchonete.

Se eu não tivesse testemunhado a piscada dele na minha direção, eu teria duvidado se alguém tivesse me contado.

Esse garoto não existe.

— A moça foi apenas simpática querida, não fique assim. Eu te amo.

— Eu acredito em você, Guilherme. Só não gostei, mas acredito que isso vai acontecer com frequência, pois você é lindo, maravilhoso... E é todo meu. Nunca se esqueça disso — Heloísa disse, enlaçando as mãos em volta do meu pescoço e, em seguida, me beijou com paixão.

Tive que ir embora pra casa, pois se demorasse mais um pouco, com certeza não aguentaria e iria entrar com ela para dentro de casa levando-a para dentro do seu quarto.

Depois de um banho demorado, e de ensaiar o que eu iria dizer para Heloísa mais tarde, segui para a lanchonete. Meus funcionários já estavam cientes do meu pedido de casamento e me ajudariam na surpresa. A lanchonete estava cheia, logo Heloísa e Danilo entraram juntos com a minha sogra. Alex estava com a minha sobrinha e sua namorada, Jade; Kenny estava com Daiane, Theodoro e Sofia também estavam presentes. Senti-me feliz por saber que eles estavam ali para me dar força.

Fui cumprimentar minha namorada, em seguida agradei pelos caras terem vindo.

— Achei que você já tivesse feito o pedido — Kenny disse baixo.

— Relaxa meu primo, e vê se vocês registram tudo.

Chamei o Danilo para dentro da lanchonete, eu queria o garoto comigo nessa hora, ele me passava confiança. Após, saí pedindo para

todos fazerem silêncio e todos me olharam. Meus olhos foram em direção a mulher que eu amava, senti que ela estava emocionada também.

— Boa noite a todos, eu e esse garotinho aqui temos um pedido a fazer para aquela mulher que está bem ali, aquela linda que só me faz bem. Para quem não sabe, eu nasci e cresci na cidade de São José, mas quando eu fiz dezoito anos, minha mãe achou melhor nos mudarmos para a cidade por causa da faculdade. Depois ela faleceu e meu pai sumiu no mundo. Eu me formei em administração, porém não estava feliz na minha profissão, pois desde muito novo eu sempre fui fascinado por comidas, inventava muitas coisas diferentes. Perdi o meu emprego na cidade e decidi investir tudo o que recebi na minha lanchonete de hambúrgueres artesanais, meus primos foram a minha base quando eu tive que recomeçar; pode até parecer clichê, mas eles são e sempre serão os meus melhores amigos.

— Não vai chorar bobão — Theo gritou, fazendo todos sorrirem.

— Cala a boca Theodoro — Kenny disse.

— Fala logo Guilherme — Alex comentou.

— Eu nunca me imaginei nessa cena, mas me deixa prosseguir. Certa vez, eu estava com a minha equipe de trabalho, lavando o chão da lanchonete, quando essa linda mulher passou aqui em frente com muitas

pastas nas mãos, apressada, com seus óculos grandes, seus cabelos balançando com o vento, e eu a quis pra mim. Isso foi novidade, pois eu nunca senti nada igual por mulher alguma. Conheci o seu filho e por ele eu tive um amor de pai. Ele é sim um mini terrorista — mais risadas foram ouvidas —, mas também é um garoto inteligente, super educado e ótimo pescador. O que eu quero dizer com isso tudo, Danilo?

O pestinha sorriu cúmplice.

— Mamãe, o tio Gui quer se casar com você. Eu já deixei! Hoje nós fomos comprar as alianças, eu ajudei a escolher, dá certinho no seu dedo, porque eu peguei o seu anel, e aí a moça mediu. A moça disse que a senhora tem muita sorte em se casar com o tio Gui. Aceita, mamãe. — Além de fazer os homens gargalharem, ele fez as mulheres chorarem. Inclusive a mãe dele, que se levantou e veio na nossa direção.

— Você quer se casar comigo? — perguntei, estendendo a caixinha com as alianças.

— Claro que eu quero, só não precisava fazer isso tudo, eu estou com a maquiagem toda borrada agora. E você hein Danilo, conseguiu guardar esse segredo direitinho. — Ela abraçou e beijou o filho. — Eu te amo filho, muito obrigada por me fazer mais feliz hoje. E você, Guilherme, muito obrigada por ser um pai para o meu filho. Amo você e caso com você quantas vezes quiser.

Depois do sim da Heloísa, nos beijamos. Aplausos foram ouvidos, as pessoas nos cumprimentaram nos desejando felicidades.

Aquele era dia de comemoração. Oficialmente eu estava noivo, e queria casar no dia seguinte mesmo.



HELOISA

— Tia Heloísa, a senhora está muito linda! Parece à princesa dos desenhos que eu assisto com a minha tia Jade. Sabia que eu já escrevi uma cartinha para Deus também? Amanhã na missa, vou deixar na igreja, porque Deus leu a cartinha do Danilo, por isso a senhora está casando hoje. Tio Gui vai ser pai dele agora, né tia Helô? — Alicia estava comigo e Danilo dentro do carro, eles iriam entrar comigo na igreja.

Perguntei ao Danilo se ele queria convidar alguma amiguinha dele para ser a dama de honra, e ele escolheu Alicia. Fiquei espantada porque eles brigavam sempre, mas ele me disse que eles fizeram as

pazes, pois agora eram primos e amigos. Meu filho me surpreendia a cada dia.

— Sim, Guilherme também vai ser pai do Danilo — disse, fazendo carinho em sua bochecha.

Alicia era uma criança linda e falante, até demais.

— Eu também fiz outra carta pra Deus — Danilo comentou com ela.

— O que você pediu? — perguntou Alicia, curiosa.

— Um irmãozinho — disse ele, me fazendo tossir.

— Ai Danilo, você é tão bobo. Os bebês são as cegonhas que trazem, né tia Helô?

— Boba é você! Os bebês vêm da mulher e do homem, eu já pesquisei no meu *tablet*. — Muito bom saber disso, seu Danilo. Ficará sem *tablet* até o final do ano. Já não disse que assunto de adulto, criança não precisa saber?

Alicia colocou a mão na boca, evitando sorrir.

Até que eu chegasse à igreja, iria estar cheia de cabelos brancos com a conversa daqueles dois.

— Mamãe, por favor, não precisa tirar o *tablet*. Eu prometo não pesquisar mais nada, eu juro. — Uniu as duas mãos, prometendo.

Cumprir que é bom, não cumpriria.

Chegamos à igreja. Minha mãe abriu a porta do carro, ajudando as crianças a descenderem; quando olhou para mim, se emocionou.

Danilo e Alicia ficaram na minha frente. Logo Alicia começou a jogar pétalas de rosas pelo caminho. Minhas madrinhas estavam posicionadas em seus lugares: Jade, Daiana e Sofia, os padrinhos eram os primos do Guilherme: Theodoro, Alex e Kenny.

Olhei para o meu amor, que estava emocionado, segurando o choro. Ele estava mais lindo ainda naquele smoking negro.

Assim que fiquei próxima, entreguei o meu buquê para uma das meninas.

Guilherme apertou a mão do Danilo, em seguida o abraçou, dizendo que o amava. Eu nunca me cansaria de assistir aquela cena nunca. Após sussurrou que me amava também. O padre Estevão já estava apostado no altar. Ficamos de frente para ele, que logo começou a falar.

— Estamos aqui hoje para celebrar as melhores coisas da vida: a confiança e a esperança, o companheirismo e o amor entre esse casal.

O casamento de Heloísa Cruz e Guilherme Alencastro, dois jovens apaixonados que descobriram junto o amor, teve uma ajudinha do Danilo para que se tornasse real. Para quem não sabe, o garoto foi o cupido dessa história. Hoje ele está, com certeza, realizado; uniu os dois como sempre quis. O Que Deus uniu o Homem não separa. E vocês foram convidados a compartilhar este momento com eles, porque são as pessoas mais importantes para eles. E a pergunta que não quer calar... — O padre olhou para mim e Guilherme de forma carinhosa, então continuou: — Heloísa, é de livre e espontânea vontade que você aceita Guilherme como seu companheiro em matrimônio?

— Sim — disse emocionada.

— Guilherme Alencastro; é de livre e espontânea vontade que você aceita Heloísa como a sua companheira em matrimônio?

— Sim — disse, olhando, em seguida, para mim. Seus olhos claros brilhavam de emoção.

— Assim sendo, por favor, deem as mãos, para receber os votos de amor.

Guilherme e eu enlaçamos as nossas mãos. Olhando dentro dos olhos dele, disse:

— Amor, eu não preparei nada porque certamente esqueceria, mas de uma coisa eu tenho certeza: eu te amo e você foi à melhor coisa que

aconteceu na minha vida. Mesmo não sendo nada meu ainda, você amou o meu filho e fez dele uma criança feliz, por isso eu vou ser sempre grata por tudo. Amo você, muito.

— Heloísa — Guilherme respirou fundo, então prosseguiu: — O que falar para você nesse momento? Eu só quero ser o homem que você merece: um que te faça feliz diariamente, que esteja ao seu lado em todos os momentos da sua vida. Quero ser o melhor padrasto do mundo para esse moleque, quero que ele enxergue em mim um pai que vai estar o aconselhando na vida, e que ele seja um ótimo irmão. Estarei com você em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. Eu te amo.

— Eu vos declaro marido e mulher.

Guilherme colocou a aliança em meu dedo, depois foi a minha vez, então nos beijamos, selando o nosso amor.

Agora era à hora de jogar o buquê.

— Eu vou jogar o buquê, vamos mulheradas. Um... Dois... Três... E... Já!

Olhei para trás e Jade segurava o buquê, emocionada. A pequena Alicia correu em sua direção, vibrando de felicidade. Theodoro e Kenny deram dois tapinhas nas costas do Alex, com certeza estavam debochando. Aqueles dois não tinham jeito.

— Eu nunca me imaginei dançando novamente a dança dos noivos. Mas essa é a melhor dança de todas.

— Olha eu aqui com ciúmes de você porque não fui o primeiro a te conceder essa dança. Eu sei que é bobagem, mas eu estou com ciúmes

— Guilherme disse, cheirando o meu pescoço.

— Para com isso meu amor, o importante é que você será o último.

— Será que já podemos ir para a parte da lua de mel?

— Ainda não, mas podemos nos beijar muito.

Dançamos muito, aproveitamos bem a nossa festa.

Danilo estava feliz, meu filho era outra criança, estava mais comportado, não aprontava mais como antes.

Às duas horas da manhã, desembarcávamos na cidade de São Paulo. Como eu estava de férias do colégio, decidi sair um pouco de São José. Era uma vida nova a que eu estava iniciando e queria aproveitar bastante.

— Gostou do hotel, amor? — Assim que estacionamos, Guilherme perguntou.

Eu estava admirando tudo do hotel, era perfeito, de frente para a praia. Imaginei Danilo correndo atrás do Fred. Mãe é sempre assim, está sempre pensando nos filhos.

— Quando você disse que seria surpresa, não imaginei que seria perfeita a nossa lua de mel. Uma semana nesse hotel maravilhoso e ao lado do meu marido? É o paraíso.

— Uma semana trancados dentro do quarto fazendo amor —
Guilherme sussurrou.

— Nada disso, quero aproveitar tudo. Hoje não, mas amanhã iremos ao passeio de lancha, vamos nadar.

Guilherme fez uma expressão sofrida.

Assim que Guilherme abriu a porta do quarto para entrarmos, não consegui dar nem mais um passo, eu estanquei na entrada. Tinha pétalas de rosas por todo o quarto, a luz era pouca e uma música tocava bem baixinho.

Como eu não saía do lugar, Guilherme me pegou em seu colo e, devagar, me depositou na cama. Nossas respirações estavam aceleradas, estávamos excitados. Logo começamos a nos beijar e, lentamente, Guilherme foi tirando a minha roupa, me deixando apenas de lingerie. Em seguida, ele ficou completamente nu.

Eu estava admirando o seu corpo, cheia de desejos, quando ele me puxou pelo braço, me fazendo ficar de pé. Ele me admirava como se eu fosse à mulher mais perfeita desse mundo.

— Você é linda Heloísa, e é minha mulher. Deixe-me tirar o resto de sua roupa, quero fazer amor à noite toda com você.

Eu não era uma mulher tímida, mas a forma como Guilherme me olhava enquanto se tocava; deixava-me com o rosto queimando.

Fomos para a banheira, lá tinha uma garrafa de champanhe. Dentro da banheira, fizemos amor e juramos que nos amaríamos por toda a vida. Logo após falamos em filhos. Guilherme disse que nunca pensou em ser pai, mas quando conheceu Danilo a vontade aflorou.

Por enquanto estávamos apenas tentando. Quando chegasse à hora certa, seríamos pais de novo.

Vesti o meu roupão e fui até a varanda, sentindo o vento frio contra o meu rosto. A vista era linda, as ondas da praia faziam pequenos barulhos. Senti duas mãos na minha cintura e um beijo na minha cabeça, era o meu marido que sentiu a minha falta na cama e veio me procurar. Era quatro da madrugada.

— Quando abri os meus olhos e não te vi na cama, achei que tivesse fugido de mim.

— Jamais fugiria de você, eu só fiquei sem sono e pensei no Danilo. Nos falamos ontem e eu já estou com saudades do meu mini terrorista. Será que ele está aprontando muito?

Ele sorriu, me puxando contra o seu peito. Inalei o seu cheiro, me lembrando da nossa noite de amor. Guilherme me abraçou, me prendendo em seu abraço, e eu o abracei de volta, sentindo o quanto era amada por ele.

— Eu te amo, Helóisa! — disse olhando em meus olhos.

— Eu te amo, Guilherme — ainda olhando dentro dos seus olhos, disse.

Em seguida nos beijamos, selando mais uma vez o nosso amor.



DANILO

Dois anos depois...

— Faz um pedido filho — meu pai Guilherme disse, me encorajando.

Ele era o melhor pai do mundo.

Nós estávamos comemorando o meu aniversário, mas já tinha passado. Como a minha irmã estava doente, só podemos comemorar naquele dia, que também era o dia dos pais. Papai resolveu juntar todos os primos, com as famílias deles, para comemorarmos juntos. Afinal, era o dia dos pais de todos eles.

Eu já tinha uma irmã de um ano, o nome dela era Giulia. No começo ela era muito chorona, quando nasceu parecia um joelho enrugado. Agora ela era linda, mas às vezes ainda era chorona, e sempre queria pegar o controle do videogame quando eu e o meu pai estávamos jogando. Ela parecia uma princesa, tinha a cor dos cabelos da minha mãe. Nosso pai dizia que ela parecia comigo quando eu era pequeno, até nas artes.

Um dia desses, ela quase caiu do berço, mas eu estava lá para protegê-la, pois é isso que o irmão mais velho faz.

Fechei meus olhos e pedi que Deus enviasse um irmãozinho, pois sozinho eu não estava dando conta de proteger a Giulia, ela era muito sapeca. Abri os meus olhos e sorri. Esperava que Deus atendesse o meu pedido, pois fiz de todo o meu coração.

— O primeiro pedaço vai pra quem, Danilo? — Alicia perguntou, achando que eu iria dar pra ela, só porque éramos primos.

Cortei o pedaço do bolo e, em seguida, entreguei para a minha mãe. Ela era a pessoa que eu mais amava nesse mundo, ela era quem sempre estava comigo. Quando eu tinha febre, ela que me dava remédio. Mas dividi o pedaço do bolo e dei a outra metade para o meu pai Gui, que ficou emocionado.

— Para você mamãe. — Seus olhos se encheram d'água. Ela estava chorando, mas era um choro de felicidade. — Para você também papai, por ter me escolhido como filho e me amar muito. Eu te amo, feliz dia dos pais. — Ele me abraçou, dizendo que me amava também.

Depois todo mundo começou a se servir. As crianças brincavam no pula-pula, outras no castelo. A festa estava linda, meus tios estavam fazendo churrasco.

Fred corria atrás das crianças, ele já estava um cachorro idoso, mas não sossegava. Eu já tinha um monte de primos, do tio Alex, do tio Kenny... todos casaram. Quando tinha festa em uma das casas, tinha mais crianças do que adultos.

Olhei para minha mãe e meu pai, minha avó estava perto deles. Meu pai pegou a minha irmã do colo da minha mãe e entregou para a minha avó. Como Alicia e a tia Jade estavam perto dela, resolvi ir até a pestinha para perguntar o que ela ouviu. Só que ela foi mais rápida e veio até a mim, correndo.

— Eu acho que a tia Helô vai ter outro bebê, Danilo.

Nem foi preciso eu perguntar nada, ela sempre foi fofoqueira.

— Como você sabe? — perguntei curioso.

— Sua mãe ficou enjoada, aí a tia Jade perguntou: será que você não está grávida, Heloísa? Aí a sua mãe colocou a mão na boca e correu para dentro da casa. Tio Gui e a tia Jade foram atrás dela.

— Deus ouviu o meu pedido tão rápido.

— Se você quiser, podemos ficar escondidos para ouvir a conversa deles.

— Mas é conversa de adultos, eu não quero ficar de castigo.

— Que nada, seu medroso, a gente se esconde direito.

— Se o papai ou a mamãe descobrir, eu conto que a ideia foi sua — eu disse.

Ela saiu me puxando para dentro de casa. Entramos e ficamos escondidos, ouvindo a conversa da tia Jade e da minha mãe.

— Faz logo o teste Heloísa, deixa de ser medrosa — tia Jade disse.

— A Giulia só tem um ano, Jade, eu não posso estar grávida. Como isso foi acontecer? — Você quer mesmo que eu te explique isso?

As duas começaram a rir.

Mamãe pegou uma caixinha e foi para o banheiro. Não demorou muito a voltar e foi logo entregando algo para a tia Jade.

— Deu positivo, você está grávida Heloísa. — A tia Jade estava comemorando.

Eu olhei para Alicia, sorrindo. Saímos devagarinho do nosso esconderijo.

— Não te disse que a tia Heloísa vai ter outro bebê? Agora vamos brincar de esconde-esconde.

Deus ouviu meu pedido muito rápido, eu iria ter mais um irmãozinho. *Tem que ser menino, hein Deus!* Pensei entusiasmado.

Avistei a minha mãe sentada com a minha irmã em seu colo, corri em sua direção, chegando perto, abracei-a dizendo que eu amava muito. Mesmo minha mãe não sabendo que eu já sabia que ela iria ter mais um bebê, eu agradei a ela

Minha mãe era a melhor mãe do mundo.

Se você gostou da história deixe a sua avaliação! Vou deixar aqui as sinopses dos outros livros da Série Pais Alencastro, e as datas de lançamentos também.

Pedaços de amor. Livro 2 – Autora Jessica D. Santos

Lançamento dia 17 de agosto.

Cada ser humano precisa lutar suas batalhas, e de cabeça erguida.

Assim era com Alex, que vivia a dura realidade de ser um pai solteiro que tinha sido abandonado pela esposa.

Mesmo sob a pressão da responsabilidade, ele se dedicou bravamente à missão de ser pai solo.

Sua pequena Alícia se tornou a sua única prioridade e ele não tinha planos de mudar essa equação.

Jade era uma jovem com um passado marcado por violência e muitos traumas.

Ela não tinha nenhum interesse em se envolver emocionalmente com alguém, e muito menos chamar a atenção para si. Contudo, seus planos foram postos à prova quando conheceu a pequena Alícia, uma garotinha de seis anos, e seu pai encantador.

Sentimentos se afluam, mas Jade se negava a vivenciá-los até ser capaz de abrir seu coração novamente para o amor.

Quando te encontrei. Livro 3 – Autora Thais Oliveira.

Lançamento dia 24 de agosto.

Sofia Aguilar tinha uma vida no eixo. Trabalhava com que amava, tinha o namorado perfeito e esperava seu primeiro filho... só que do nada, as coisas começaram a sair do controle. E agora ela estava sozinha e com um bebê.

Theodoro Alencastro é um homem de alma livre, não preocupado em se apegar ou com o que as pessoas pensam dele. Perdeu o irmão a quatro anos e isso o fez pai de uma garotinha adorável, Amanda.

Duas pessoas com idealizações e prioridades diferentes, duas almas distintas que vão ter seus caminhos cruzados pelo acaso.

Amor em dose dupla. Livro 4 – Autora A.C Nunes

Lancamento dia 31 de agosto.

Desde a morte da mulher, Kenny Alencastro se refugiou do mundo em uma pequena fazenda no interior da cidade de São José. Cada vez mais fechado, frio e antissocial, ele nunca permitiu que outra pessoa tomasse o lugar de sua mulher. Nunca se permitiu ter qualquer sentimento semelhante por quem quer que fosse. Ele também nunca gostou muito da ideia de ser pai, e sua aversão por crianças se intensificou depois que a esposa morreu por causa de uma delas. Entretanto, o abandono de um bebê na sua casa o fará pedir ajuda a uma pediatra que trabalha na região e que ele simplesmente não suporta. A convivência com o pequeno Davi e a aproximação com Daiane despertarão nele sentimentos que tentou evitar por todos aqueles anos.

RECADINHO

Quer ficar por dentro dos meus lançamentos? Me siga nas redes sociais. Facebook:

Facebook

<https://www.facebook.com/autora.mv.1>

Página de Autora

<https://www.facebook.com/AutoraMartaVianna/>

Instagram

<https://instagram.com/autoramartavianna?igshid=1ht9m17mnp1yh>

Wattpad

<https://my.w.tt/uclls5iDt4>

Abraços, e até o próximo lançamento.